



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**Faculdade de Ciências Humanas
Licenciatura em História**

Lara Karinina Viana de Almeida

***ABELTERIUM: UM ESTUDO SOBRE AS
CIDADES ROMANAS NA PENÍNSULA
IBÉRICA***

CAMPO GRANDE/MS
2024



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**Faculdade de Ciências Humanas
Licenciatura em História**

Lara Karinina Viana de Almeida

ABELTERIUM: UM ESTUDO SOBRE AS CIDADES ROMANAS NA PENÍNSULA IBÉRICA

Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de Monografia, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado no Curso de História da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Professor Orientador: **Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos UFMS / FACH**

CAMPO GRANDE/MS
2024

BANCA

Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos – Orientador

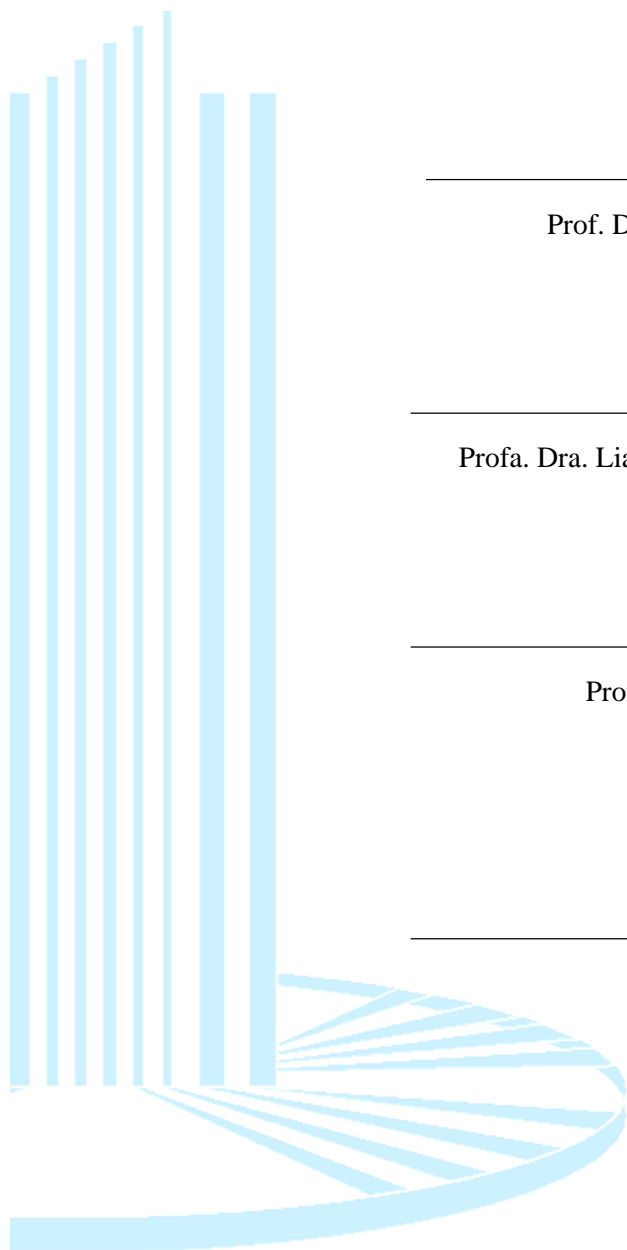
UFMS

Profa. Dra. Lia R. Toledo Brambilla Gasques – Membro Titular

UFMS

Prof. Dr. Claudio Umpierre Carlan – Membro Titular

UNIFAL



AGRADECIMENTOS

É com grande satisfação e reverência que escrevo estes agradecimentos. Ao longo do meu período acadêmico, inúmeras pessoas me auxiliaram, inspiraram e motivaram. Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu orientador, o Professor Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos, que em todo período de graduação me orientou não somente academicamente, mas também pessoalmente. Por meio de seu conhecimento, paciência e encorajamento a minha formação se tornou uma experiência enriquecedora e inesquecível.

Agradeço também à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), a qual me proporcionou uma excelente formação com a oportunidade de me desenvolver academicamente e pessoalmente. Além disso, o apoio da CNPq, a qual promove e auxilia o meio científico e acadêmico. Gostaria de agradecer à equipe do laboratório ATRIVM, ao longo dessa trajetória todos vocês foram fundamentais na minha formação, as trocas de conhecimento, eventos e sociabilidade são momentos que nunca esquecerei. Também agradeço ao arqueólogo Jorge António da Câmara Municipal de Alter do Chão / PT, pela oportunidade de escavação no sítio arqueológico e indicações de leituras.

Ademais, gratidão eterna à minha família. Minha mãe, Gislaine Guedes Viana, minha parceira de vida que em todos os momentos esteve comigo, me apoiando, acalmando e auxiliando, sempre será meu porto seguro. Meu pai, Hugo Araújo Correia de Almeida, que sempre me motivou a estudar, enfrentar os desafios e buscar minha melhor versão. Aos meus avós, cuja sabedoria e conhecimento sempre foram um acalento. Um agradecimento especial ao meu avô, José Jairo, que está sempre comigo, seu legado e ensinamento jamais serão esquecidos. Todos vocês foram fundamentais para estar onde estou hoje.

Às minhas amigas que sempre estiveram ao meu lado, em especial Rafaela Salomão Rodrigues pelos anos de amizade, no qual me apoiou, escutou, tranquilizou e motivou em inúmeros momentos e também Ana Beatriz Molina, que me auxiliou, acalmou e incentivou em várias situações. Também agradeço ao meu namorado, João Guilherme Vieira Poiati, o qual o carinho, incentivo e auxílio foram primordiais durante esta trajetória.

Aos pesquisadores membros da banca examinadora pelas contribuições e análises na minha formação profissional. Sinceros agradecimentos a todos vocês, trilharam essa trajetória ao meu lado, sem vocês não estaria onde estou hoje.

RESUMO

***Abelterium*: Um estudo sobre as cidades romanas na Península Ibérica**

Esta pesquisa tem como objetivo realizar um levantamento histórico e arqueológico acerca da cidade romana de *Abelterium*, atual Alter do Chão, localizada em Portugal. Nesse ínterim, busca-se compreender a dinâmica romana na Península Ibérica, em particular na região da Lusitânia, onde se localiza a *villa* e analisar o contexto histórico desta cidade. A vista disso, para o estudo da região foi realizado um levantamento bibliográfico acerca da chegada dos romanos na Península Ibérica e suas trocas culturais com os demais grupos sociais. Assim como o processo de expansão territorial e cultural empreendido pelos mesmos e o papel da cidade nesse contexto. Explorando também as mudanças ocorridas no quesito administrativo e estrutural do que hoje é entendido como Portugal e Espanha. Abarcando ainda aspectos culturais essenciais da *domus* romana que se manifestam no sítio arqueológico da Casa da Medusa. Os objetivos finais são demonstrar como as cidades tiveram um papel primordial na expansão de Roma, como isso decorreu na Lusitânia, a importância desta *villa* para os estudos acerca dessa temática e seus aspectos estruturais e culturais.

Palavras-chave: *Abelterium*; Casa da Medusa; expansão romana; Lusitânia; Península Ibérica romana.

ABSTRACT

***Abelterium*: A study of Roman cities in the Iberian Peninsula**

The aim of this research is to carry out a historical and archaeological survey of the Roman city of *Abelterium*, now Alter do Chão, located in Portugal. In the meantime, the aim is to understand Roman dynamics in the Iberian Peninsula, particularly in the region of Lusitania, where the *villa* is located, and to analyse the historical context of this city. In order to study the region, a bibliographical survey was carried out on the arrival of the Romans in the Iberian Peninsula and their cultural exchanges with other social groups. As well as the process of territorial and cultural expansion undertaken by the Romans and the role of the city in this context. It also explores the administrative and structural changes that took place in what are now Portugal and Spain. It also covers essential cultural aspects of the Roman *domus* that are manifested in the archaeological site of the House of Medusa. The final objectives are to demonstrate how cities played a key role in the expansion of Rome, how this occurred in Lusitania, the importance of this *villa* for studies on this subject and its structural and cultural aspects.

Keywords: *Abelterium*; House of Medusa; Roman expansion; Lusitania; Roman Iberia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO:.....	1
2	- CONTATOS CULTURAIS ENTRE ROMA E PENÍNSULA IBÉRICA NA ANTIGUIDADE	5
2.1	Definindo Contatos Culturais:	5
2.2	A Península Ibérica Romana:	8
2.3	A Província da Lusitânia	15
3	– A CIDADE ROMANA DE ABELTERIUM: ENTRE A DOCUMENTAÇÃO E A HISTORIOGRAFIA.....	19
3.1	As cidades romanas: estruturas físicas:	19
3.2	Cidades Romanas: Estruturas Culturais:	29
3.3	Abelterium: um estudo de caso das suas características, estruturas e a Casa da Medusa 34	
	CONSIDERAÇÕES FINAIS:	47
	BIBLIOGRAFIA:	50

1 INTRODUÇÃO:

O presente trabalho visa aprofundar o estudo da História Antiga, focando-se no Império Romano e sua expansão na Península Ibérica, especificamente no território correspondente ao atual Portugal. A análise será direcionada à cidade de *Abelterium*, hoje conhecida como Alter do Chão, com o intuito de compreender, analisar e investigar a formação, localização, influência e desenvolvimento desta *villa* romana dentro do contexto de dominação romana. A pesquisa abrangeu o período do século I ao V E.C., enfocando tanto o contexto histórico como os aspectos arqueológicos do sítio. Serão observadas, inclusive, evidências materiais da cultura romana, com destaque para a reutilização das termas na constituição de uma necrópole.

Investigar a vila suburbana de *Abelterium* permite não só entender as dinâmicas locais da presença romana, mas também traçar conexões com o Brasil, que preserva traços culturais desse passado. Em Portugal, mais precisamente em Alter do Chão, encontramos o sítio arqueológico Casa de Medusa, uma *villa* romana que integra a Via XIV, que ligava Olisipo (Lisboa) à Augusta Emérita (atual Mérida). Através desse levantamento histórico-arqueológico, pretende-se realizar uma análise da dinâmica de presença romana e o papel de *Abelterium* na configuração do poder imperial.

O reconhecimento oficial do sítio arqueológico Casa da Medusa ocorreu em 9 de janeiro de 1954, após descobertas no Campo de Futebol Municipal, em Ferragial d'El-Rei, onde foram encontrados vestígios datados do período romano. Alexandre Proença comunicou os achados à Associação dos Arqueólogos Portugueses, levando João Manuel Bairrão Oleiro a identificar as peças e dirigir as primeiras escavações em 1956 (António, 2014, p. 6-7). Durante a década de 1980, as pesquisas foram conduzidas por António Brazão, e, entre 2004 e 2007, o arqueólogo Jorge António assumiu a supervisão das escavações, que continuam até hoje.

O sítio é caracterizado por uma área residencial ao nordeste e termas a oeste, rodeadas por cursos de água, que evidenciam a técnica construtiva da época. Entre os achados destacam-se peças decorativas, como vasos, cerâmicas e o renomado mosaico de Alexandre, o Grande, retratando a Batalha de Hidaspes, uma vitória decisiva sobre o monarca Poros, ocorrida na atual Índia (António, 2014, p. 11, 53). Alexandre, rei da Macedônia e filho de Felipe II, expandiu seu império até o Egito e a Pérsia, estabelecendo-se como um dos maiores estrategistas da Antiguidade (Krause, 2018, p. 12).

Jorge António, arqueólogo local apoiado pela Câmara Municipal de Alter do Chão, conduz estudos e publicou artigos sobre a Casa da Medusa, detalhando a disposição

dos espaços. A pesquisa em curso será sustentada por achados arqueológicos, bibliografia especializada e experiência prática, visando explorar a cultura material de uma *villa* romana ocupada entre o século I e VII E.C. O acervo do sítio é preservado na Casa Álamo, aberta ao público, o que permite maior compreensão do contexto histórico e cultural do período.

O projeto também envolve uma análise dos objetos, entendendo que cada peça traz uma narrativa da sociedade que a produziu. Maria Helena Villas Bôas Concone define cultura de maneira abrangente, reconhecendo a complexidade do conceito e a variação de interpretações segundo o autor e o contexto ideológico, enfatizando que esses achados refletem expressões culturais e tradições de seus criadores (Concone, 2011, p. 62).

A cultura é inerente ao ser humano, manifestando-se em formas materiais e imateriais. Compreendida essa perspectiva, a cultura material, que possui um papel central no sítio arqueológico Casa da Medusa, pode ser entendida como o ambiente físico apropriado socialmente pelo homem, moldado segundo normas e objetivos culturais específicos. Esse processo não é acidental, pois envolve padrões que abrangem tanto artefatos e estruturas quanto elementos animados, como animais domesticados e o próprio corpo humano, já que este também é suscetível a manipulações culturais. Portanto, o estudo da cultura material deve ser inserido no contexto da vida social, considerando os objetos tanto como produtos quanto como vetores de relações sociais (Meneses, 1983, p. 112).

A História da Cultura Material analisa objetos materiais e suas interações com os seres humanos, abrangendo desde itens duráveis até perecíveis (Barros, 2004, p. 17). Isso exige examinar o contexto, a manipulação e as técnicas envolvidas na criação dos objetos. Assim, o historiador, ao deparar-se com um fragmento de cerâmica, precisa entender o material, sua funcionalidade, usos cotidianos e até os detalhes decorativos. No caso de ruínas, o historiador busca reconstruir o modo de vida dos habitantes, integrando a cultura material a aspectos de mentalidade e outros campos da História, sendo a Arqueologia fundamental nesse processo. Este estudo se insere, portanto, na História da Cultura Material, analisando o ambiente, o contexto e os materiais de *Abelterium*.

Além disso, o diálogo interdisciplinar é essencial, pois as disciplinas do conhecimento humano foram construídas e não encontradas, evoluindo através da interação com outros campos (Barros, 2019, p. 13). A interdisciplinaridade, conforme José d'Assunção Barros, ressalta que o saber está em constante transformação, não sendo áreas estáticas, mas em movimento e interação. Assim, mesmo a Arqueologia, que se

tornou popular na cultura por representações em filmes e séries, como *Indiana Jones*, enfrenta desafios conceituais, uma vez que abrange diferentes disciplinas e métodos de preservação. Ela não se limita à escavação, mas envolve também a preservação dos objetos descobertos, dialogando com outras áreas científicas, como física, química e biologia.

Como uma das disciplinas mais interdisciplinares, a Arqueologia examina a cultura material de forma particular, aplicando métodos comuns, mas sempre considerando a singularidade do objeto. Esse campo, essencial para o estudo da cultura material, observa o desenvolvimento cultural humano, contribuindo para o entendimento da História e para uma interpretação mais ampla e profunda do passado.

O processo de escavação arqueológica requer uma série de instrumentos específicos para garantir uma metodologia rigorosa e consistente no registro e análise dos achados. A documentação arqueológica, conforme a classificação de Don D. Fowler e Douglas Givens, é dividida em quatro tipos: primárias, analíticas, administrativas e relatórios (Leal, 2014, p. 33, apud Silva e Lima, 2007). Documentos primários abrangem registros do contexto dos objetos, incluindo planilhas, mapas e cadernos de campo. As analíticas dividem-se em análises laboratoriais (primárias) e na análise das informações de campo (secundárias). Já a documentação administrativa abrange o projeto de pesquisa e correspondências, enquanto os relatórios reúnem as metodologias, tipologia do sítio, materiais descobertos e informações essenciais para a investigação.

Desde a década de 1950, a Casa da Medusa, uma *villa* romana em *Abelterium*, tem sido escavada, revelando achados significativos ao longo dos anos. A *villa*, orientada sudeste/noroeste, possuía termas, mosaicos, pinturas parietais e, possivelmente, áreas jardins e fontes, o que demonstra o prestígio de seus habitantes (António, 2014, p. 11). Os espaços escavados até agora sugerem que o local foi cuidadosamente planejado conforme os padrões romanos de fertilidade do solo, clima favorável e abundância de água. Uma análise detalhada do *peristylum* revela fragmentos decorativos, mas a área de jardim (ou *viridarium*) ainda precisa de maior exploração para entender completamente seu sistema hidráulico e organização estrutural.

Nas termas, que serviam originalmente como *frigidarium* e *apodyterium*, remodelações e adições sugerem um complexo de banhos bem estruturado. Contudo, dificuldades em datar essas alterações e o estado das escavações tornam complexa a análise completa dos diferentes ambientes do edifício termal. Além disso, as termas foram reutilizadas como necrópole durante o período tardo-antigo, com sepulturas organizadas em uma disposição planejada e estruturada (António, 2014, p. 29-32).

A escavação e estudo desse sítio arqueológico oferecem uma visão da vida cotidiana, das práticas culturais e da adaptação das estruturas romanas a novos usos ao longo dos séculos, destacando a importância de uma metodologia rigorosa e uma documentação precisa para que as descobertas do passado se tornem acessíveis às gerações futuras.

A monografia é composta de introdução, dois capítulos e uma conclusão. Dessa forma, o capítulo 2 é intitulado de ***Contatos culturais entre Roma e Península Ibérica na Antiguidade***. No material podemos ver as trocas culturais entre os iberos e romanos se intensificaram após as Guerras Púnicas, uma série de conflitos entre Roma e Cartago pelo controle do Mediterrâneo. Assim como a vitória romana na Segunda Guerra Púnica (218-201 AEC) que permitiu a expansão de Roma e o fortalecimento de suas relações com os povos ibéricos. Esse contato promoveu uma transformação cultural mútua e deu origem as províncias na Península Ibérica inspiradas na estrutura administrativa romana, processo tradicionalmente chamado de "romanização" — termo que, no entanto, vem sendo questionado.

O capítulo 3 foi nomeado de *A cidade romana de Abelterium*: entre a documentação e a historiografia. O material aborda como Roma impactava a vida cotidiana das suas províncias, tanto o ambiente doméstico quanto o público, assim refletindo a influência cultural romana nas construções locais. A infraestrutura romana também incluía estradas e aquedutos, essenciais para a organização e funcionalidade cotidiana. Além da força militar, Roma expandia-se por meio de suas leis, políticas e cerimônias, centrais na vida urbana e símbolos do domínio cultural romano. A cidade tinha um papel essencial nesse processo, servindo de modelo tanto para as estruturas arquitetônicas quanto para os aspectos culturais, como religião, arte parietal, esculturas, mosaicos e estátuas. Em *Abelterium*, por exemplo, encontram-se elementos culturais romanos como mosaicos, pinturas parietais e estruturas arquitetônicas, incluindo termas, evidenciando a fusão entre cultura local e romana. Tema esse que será analisada ao longo dessa monografia.

2 - CONTATOS CULTURAIS ENTRE ROMA E PENÍNSULA IBÉRICA NA ANTIGUIDADE

2.1 Definindo Contatos Culturais:

Quando grupos distintos entram em contato, podemos observar diferentes interações que se estabelecem. Nessas interações, observamos a existência de conflitos que acarretam em mudanças nos variados segmentos da sociedade. Segundo Roque de Barros Laraia (2001, p. 38), com a chegada de um estranho em uma comunidade há estranheza, podendo ser considerada uma quebra da ordem social ou fator sobrenatural. Assim, contatos culturais carregam diversas facetas, porém, para compreendê-los é necessário a princípio tratarmos do conceito de cultura.

Segundo Laraia (2001, p. 14) no século XVIII, o termo germânico *Kultur* era uma forma de simbolizar os aspectos espirituais de uma comunidade, já *civilization* as realizações materiais de um grupo. Ambos os conceitos se desenvolvem de forma antagônica. A partir do artigo “Entre *Kultur* e *Civilization*” de Carolina Minardi de Carvalho, Leonardo Massula Guimarães e Renan Ribeiro Zandomênicó (2013, p. 44), entende-se que havia um conflito entre a civilização e a cultura e essa diferença era considerável na mente dos alemães, no qual sendo verdadeiramente alemães possuiriam características virtuosas inerentes a si próprios. Tal divergência é abordada por escritores do período, um contraste entre os valores burgueses da cultura e ideais aristocráticos de civilização (Carvalho; Guimarães; Zandomênicó, 2013, p. 44).

Entretanto, tais conceitos possuem uma representação semelhante entre si. Carvalho, Guimarães e Zandomênicó apontam, a partir das análises de Norbert Elias, que o termo civilização trata do autovalor, da consciência que o Ocidente possui de si, uma percepção que se ampara na separação de sociedades modernas e “primitivas”. Dessa maneira, possuem um orgulho e identificação de costumes, como expresso pela cultura alemã. Ainda que com valores diferentes, apresentam a mesma função social (Carvalho, Guimarães, Zandomênicó, 2013, p. 45). Laraia¹ (2001, p. 14) compreende que o inglês Edward Tylor foi o primeiro a sintetizar na língua inglesa tal termo, adotando em uma palavra o que segundo ele abrange todas as possibilidades de feitos humanos, *culture* (cultura).

Edward Tylor² foi a primeira a formular o conceito de cultura a partir da percepção antropológica. Contudo, Tylor efetivou uma concepção que já vinha sendo desenvolvida por figuras como John Locke e Jacques Turgot. A cultura é um aspecto humano que vem sendo trabalhado e pesquisado ao longo das décadas por sua complexidade e diversidade de conceituações. Por isso, adotaremos ao decorrer deste trabalho a conceituação apresentada por Maria Helena Villas Bôas Concone (2011, p. 62):

¹ A partir de “Cultura: um conceito antropológico”.

² A obra *Primitive Culture* (1871).

Podemos dizer que a cultura é uma dimensão da vida social humana. Uma definição corrente afirma que a cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social humana: modos de organização das sociedades - formas de conceber a família e seu lugar no grupo social, p.ex.; divisão de classes, castas etc.; modos de estabelecer a divisão do trabalho social; modos de fazer – os quais dizem respeito tanto à cultura dito material, isto é, aos artefatos (quais, como, quem os produz), como à cultura não material, isto é, os símbolos, as ideias, os valores, o saber a respeito; modos de pensar; modos de conhecer; modos de sentir. (Concone, 2011, p. 62)

Dessa forma, não existe uma sociedade sem cultura, sendo passada de geração em geração. Carlos Eduardo da Costa Campos (2013, p. 57) aponta que contato cultural é o encontro entre dois ou mais grupos culturais, podendo ou não ocorrer de forma traumática. Esses grupos não são estáticos, carregam transformações ao longo do tempo. Ademais, existem dois tipos de alterações: uma interna, resultado do próprio sistema cultural e outra do contato com terceiros. Quando há o contato com outros grupos essa mudança não passa de um estado estático para o dinâmico, mas sim de uma modificação para outra. Tais mudanças podem ser lentas ou bruscas e por menores que sejam carregam conflitos (Laraia, 2001, p. 50-51).

Dessa maneira, apresentado o conceito de cultura e trocas culturais, parte-se para a compreensão desse processo com os romanos e os povos iberos. De acordo com Airan dos Santos Borges (2014, p. 67), entende-se que a atual Península Ibérica por uma geografia peculiar possui uma diversidade climática, fator que impacta diretamente no desenvolvimento de distintas culturas na região. No território há a presença de inúmeras reservas de minérios, os quais foram exploradas ao longo dos anos.

Borges afirma que o povoamento da região remonta à Pré-História, com correntes de povoamento da África, através do Estreito de Gibraltar; pelos Pirineus e possivelmente pelo oeste e norte. O autor traz ainda que, a partir de Montenegro Duque (1972) e Pierre Grimal (1999), o desenvolvimento dessas sociedades foi caracterizado por um sistema cultural que incluía o Mediterrâneo, Atlântico e o continente (Borges, 2014, p. 67).

Por conseguinte, no desenvolvimento dessas sociedades houveram mudanças tecnológicas e populacionais, como invasões e trocas com outros povos. Para Borges (2014, p. 68), a mais antiga dessas interações ocorre com os fenícios por meio do desenrolar do comércio de metal nas comunidades. Além disso, nos séculos VIII e VII AEC há a materialização dessas trocas com o estabelecimento de colônias e fundação de portos. Compreende-se, assim, que por meio dessas colônias se ampliam as trocas comerciais, a agricultura e a pecuária. Esse movimento se intensificou com as colônias cartaginesas e gregas.

Outrossim, Borges (2014, p. 69) defende a divisão da região em duas áreas: céltico-túrdula e calaico-lusitana. O primeiro desses localizava-se acerca da Andaluzia Ocidental, entre Huelva e Baixo Guadalquivir com centros urbanos como Sevilha,

Málaga, Almería, Granada e Cádiz, esse grupo dispunha de uma infraestrutura baseada em riquezas minerais, agricultura e pecuária. Tal fato impactou na penetração do interior do território, concretizada posteriormente com vias de comunicação entre o sul e o norte pela administração romana (Borges, 2014, p. 69). Como ilustra o seguinte mapa:

Mapa 1- Grupos na Península Ibérica Pré-Romana (Campos, 2013, p. 183)



Nesse contexto, havia uma variedade de assentamentos populacionais, fortificados ou abertos sem condições de defesa naturais, os quais estariam relacionados a rotas comerciais, exploração mineira e atividades agropastoril. Por meio da Arqueologia comprova-se também a interação desses núcleos com grupos do Mediterrâneo, onde descobriu-se objetos de cerâmica, ânforas, entre outros (Borges, 2014, p. 70). De acordo com Norma Musco Mendes (2006, p. 243), nesse local encontram-se os núcleos mais urbanizados que despertaram maior interesse dos romanos, os quais concentravam-se em *oppida*³ facilitando a instalação de *ciuitates*⁴ posteriormente. No século VI AEC, através da Arqueologia, observamos o deslocamento desses grupos e o início do controle

³ Segundo Mendes, *oppidum* (*oppida* no plural) é um termo utilizado pelos romanos para referir-se a um aglomerado urbano importante e fortificado.

⁴ Segundo o Dicionário Latino-Português de F. R. dos Santos Saraiva (2006, p. 229), o termo *ciuitates* refere-se a cidade, reunião de cidadãos, nação, forma de governo de uma nação.

comercial de Cartago, havendo uma migração étnica para a região do atual Algarve (Borges, 2014, p. 70).

Segundo Mendes (2006, p. 242), a região noroeste, que era habitada pela população chamada pelos romanos de *callaeci* e *lusitani* (céltico-túrdula e calaico-lusitana), possuíam semelhanças ao tipo de habitação, organização social e atividade econômica. Assim como Borges, Mendes aponta a existência dos castros como povoados fortificados da Idade do Ferro, localizados nos topos de elevações ou à beira de cursos d'água, descrito como uma unidade de base familiar, com uma economia de sobrevivência autossuficiente.

Convergindo com Mendes, Borges (2014, p. 71) explana ainda que o castro era uma unidade estrutural fechada, composta por famílias extensivas, próximas aos vales férteis formada por agricultores, pastores e artesãos. Ademais, na Idade do Bronze os castros fortificados coexistiam com os abertos, os quais eram especializados nas atividades agrícolas e de mineração e a produção de mercadorias de metal restrita aos fortificados. A partir da cultura material dessas sociedades compreende-se dois momentos de mudanças: a migração dos túrdulos e a partir do século II AEC o contato com os romanos.

2.2 A Península Ibérica Romana:

Os povos iberos mantinham relações com outros grupos sociais, entretanto, o contato mais significativo com os romanos se dá a partir de um conflito: a Segunda Guerra Púnica. Conforme João Gouveia Monteiro (2015, p. 145), as Guerras Púnicas, ou seja, o conflito entre duas potências mediterrânicas (Roma e Cartago), se dividem em três. Cartago foi uma cidade no norte da África fundada por fenícios, os quais os romanos denominavam esse grupo de *poeni*. O evento se configura em uma disputa pelo domínio do Mediterrâneo. A primeira delas sucede entre 264 e 241 AEC, focalizada na Sicília, a segunda ocorre entre 218 e 201 AEC, com a Península Itálica como palco, e por fim a terceira de 149 a 146 AEC.

Por conseguinte, a partir de Monteiro (2015, p. 147-148), apreende-se que os fenícios oriundos da cidade de Tiro, no atual Líbano, no final do século VIII AEC, fundaram a *urbe* de Cartago. Através do comércio a comunidade cartaginesa prosperou, em concorrência com as colônias gregas. Na Sicília, os cartagineses e gregos tiveram uma forte área de influência, o que foi um fator determinante para o início da guerra. Os cartagineses ganhavam cada vez mais relevância na África. Além disso, os norte-

africanos desenvolveram colonatos⁵ no sul da Hispânia⁶ conquistando regiões costeiras cruciais para o domínio de bons portos. Contudo, a riqueza de Cartago não se resumia ao comércio uma vez que possuíam uma base agrícola considerável por meio da exploração dos territórios férteis norte-africanos, com cultivo de cereais, azeitonas, romãs, amêndoas, entre outros.

À vista disso, divergindo dos romanos, os cartagineses não tinham o costume de conceder cidadania e direitos políticos aos povos sob seu controle. Nessa sociedade as guerras eram, em especial, praticadas por mercenários contratados. Logo, na década de 280 AEC, Cartago tinha uma grande área de influência, dominando a costa africana e da Hispânia, além de ilhas do Mediterrâneo. Nesse contexto, Roma já havia estendido cidadania romana sob suas áreas dominadas, tinha enfrentado alguns conflitos com a *urbes* latina e via um crescimento de sua influência já que colônias gregas na península estavam sob seu domínio, ou seja, era questão de tempo até o embate entre essas duas potências (Monteiro, 2015, p. 148-149).

O conflito se inicia quando, em 289 AEC, morre Agátocles⁷ desencadeando uma crise política na região. O tirano havia apoiado seu reinado em forças mercenárias e quando faleceu essas forças migram para a cidade de Messina, que, após realizarem uma série de danos na localidade, se desencadeia alguns conflitos entre esses grupos. Conseqüentemente, em 265 AEC, esses mercenários, que eram originários da Campânia⁸, já estando em Messina, pedem auxílio a Roma e Cartago (Monteiro, 2015, p. 151-152). Segue abaixo um mapa da região:

Mapa 2⁹ - Região de Messina (Sicília)

⁵ Refere-se a um método de exploração da terra e as relações sociais de produção.

⁶ Região compreendida pelos romanos como Hispânia trata-se da Península Ibérica.

⁷ Tirano grego de Siracusa, na Sicília.

⁸ Região sul da atual Itália, com Nápoles como capital da localidade.

⁹ Disponível em: <https://www.mapsofindia.com/world-map/italy/messina/location-map.html> Acessado em: 10/09/2024.



A sociedade cartaginense vai ao socorro com o oficial Aníbal, comandante da esquadra púnica, tentando assim um acordo com os mercenários. Já os romanos possuíam receios em relação a que posicionamento tomar, visto que há pouco os latinos tinham conquistado o sul da península. Assim, os cônsules Ápio Cláudio Cáudice e Marco Fúlvio Flaco foram os responsáveis por persuadir o povo e declarar apoio à participação no conflito na Sicília. Com a perspectiva de despojos de guerra, os cidadãos foram atraídos e decidiram a votação. Por conseguinte, Ápio Cláudio se torna o primeiro líder a realizar a travessia no mar com um exército (Monteiro, 2015, p. 151-152).

Dessa forma, Roma, que fora aliada de Cartago por muitas décadas, envia embaixadores a Siracusa e Cartago, com justificativas para o apoio aos mamertinos. Em resposta, Cartago se une a Hierão¹⁰ para conquistar Messina e combater os romanos. Assim, uma guerra entre cartagineses e romanos começa. A Primeira Guerra Púnica perdura por mais de 20 anos e, após longas batalhas, Roma se torna vitoriosa. Os romanos, além de se tornarem vencedores, conquistaram seu maior objetivo: expulsar os cartagineses da Sicília. Sendo assim, Cartago não mais tinha o poder que outrora detinha no Mediterrâneo, embora permanecesse forte na África, Hispânia e Sardenha. Poucos

¹⁰ Soldado grego experiente à frente do exército de Siracusa (Monteiro, 2015, p. 151).

anos depois da paz em 241 AEC, a cidade norte-africana foi obrigada a pagar à Roma 1200 talentos, como também aceitar a conquista romana de Córsega e Sardenha. Os romanos viam o expansionismo púnico no território hispânico como uma ameaça, procurando impor-lhes limites (Monteiro, 2015, p. 162-164).

Conforme Carlos Eduardo da Costa Campos (2013, p. 25), compreende-se que a guerra na Antiguidade é uma atividade fundamental para a organização das sociedades e sua manutenção. Campos apresenta que a guerra é um combate armado entre grupos humanos com ou não agrupamentos ou comunidades políticas distintas, em geral preparada estrategicamente.

No contexto romano, a guerra carrega consigo um meio fundamental para assegurar a expansão. Dessa maneira, na realidade romana, uma guerra com bases legítimas se denomina *Bellum Iustum*, ou seja, quando esse combate estava sendo realizado sob o âmbito das leis e da religião. A religião permeava o cotidiano e as instituições políticas romanas. Com isso em vista, atos como a guerra eram precedidos por rituais ou tentativas de obtenção de apoio por parte dos deuses. Campos (2013, p. 29) aponta que, o sucesso no campo de batalha deveria estar ao lado do que foi agredido, assim sua retaliação seria justa, caso contrário o embate não contaria com a proteção dos deuses e conseqüentemente causaria o fracasso. Visto isso, a religiosidade no contexto romano foi essencial na legitimação dos confrontos.

Nesse íterim, os cartagineses, ressentidos por serem obrigados a pagar tributos de guerra aos romanos e a fim de sanarem o pagamento pesado, começam um processo expansionista na Hispânia (Campos, 2013, p. 33). Receosos, os romanos impuseram a Asdrúbal¹¹ a promessa de não expandir além do rio Ebro, que passa atualmente nas localidades de Saragoça e Barcelona (Monteiro, 2015, p. 164). Sendo está uma maneira de evitar uma reorganização e retaliação cartaginense e proteger seus interesses e pontos estratégicos na Península Ibérica. Campos (2013, p. 34) aponta que, antes de 220 AEC, houve a realização de um tratado entre Roma e Sagunto, uma região provincial que fez parte da Hispânia Citerior¹² e atualmente se localiza na Espanha, colocando o território sob proteção romana, logo impedindo o avanço cartaginês.

Dessa maneira, Campos explana que a relação entre os grupos dirigentes de Roma e Sagunto ficam claras próximo de 220 AEC. Contudo, provavelmente haveria ao menos uma facção contrária ao tratado com os romanos ou a favor dos cartagineses.

¹¹ General cartaginês, cunhado de Amílcar Barca, que, após sua morte, passa para as mãos de Asdrúbal a liderança cartaginesa (Monteiro, 2015, p. 163).

¹² Região correspondente ao lado oriental da Península Ibérica. Ver mapa na página 13.

Segundo Campos sobre as configurações de poder, a aristocracia local coloca-se sob tutela romana a fim de atender seus interesses políticos e sociais e preservar sua influência na região. Ademais, essas elites eram cooptadas e se adequavam à essa lógica, sob proteção de ataques de outros grupos e da conquista de benefícios. Compreende-se que o controle em regiões conquistadas pode ser obtido através da força, colaboração política e dependência econômica, social e cultural (Campos, 2013, p. 34-35).

Observamos como as relações estabelecidas por Roma na Hispânia estavam caminhando para uma rede de contato e expansão e como os cartagineses estavam ressentidos com a derrota para os romanos. De acordo com a documentação latina, a quebra de um acordo ou juramento era passível de retaliação, dentre essas medidas o conflito bélico em prol do grupo injustiçado, com a benção dos deuses (Campos, 2013, p. 33). A Segunda Guerra Púnica é um exemplo de retaliação dessa quebra de acordo, quando Aníbal Barca avança nos territórios ibéricos sob tutela romana.

Aníbal Barca, filho de Amílcar Barca, que havia sido comandante do exército cartaginês da Hispânia durante a Primeira Guerra Púnica, carregava, conforme Monteiro (2015, p. 165), a ideia de fazer na Península Ibérica um exército capaz de guerrear novamente contra os romanos. No território ibérico, os cartagineses buscaram fundos suficientes para financiar esse plano e recrutar soldados.

Nesse cenário, como aponta Campos (2013, p. 36), eclode um conflito entre Sagunto e outro grupo aliado de Cartago denominado pelos romanos de *Torboletae*, que já possuía um histórico de desavenças com a cidade. Esse conflito se torna o pretexto de Aníbal para efetuar um ataque aos saguntinos. O cartaginês intervém e cerca Sagunto, ainda que tenha sido alertado por embaixadores romanos a não o fazer, com a cidade sucumbindo em 219 AEC, após meses de cerco. Além disso, Campos (2013, p. 37) também aponta que dos habitantes restam indícios que foram mortos ou escravizados. Dessa forma, Aníbal começa a preparar sua empreitada que tinha como objetivo invadir a Península Itálica por terra, através da Hispânia, atravessando o rio Ebro, o mesmo limite do acordo firmado anos antes com os romanos (Monteiro, 2015, p. 165).

A vista disso, Campos (2013, p. 37-38) expõe que a falta de uma frota de navios e legiões disponíveis foram peças chave para a demora romana no auxílio à Sagunto. Ainda que uma embaixada tenha sido enviada a Cartago em 218 AEC, sobre a legitimidade da ação de Aníbal, os cartagineses não atenderam as solicitações romanas, ocasionando a declaração de guerra que atingiu o Mediterrâneo. Ademais, o historiador pontua que a Segunda Guerra Púnica é constituída por três etapas: a primeira etapa quando ocorre o cerco aos saguntinos, a segunda quando o exército cartaginês parte para

a Península Itálica, adentrando pela região dos Alpes e a terceira no confronto do Lago Trasimeno, vista como uma das maiores derrotas romana.

Após uma série de movimentações de ambos os lados, em novembro de 218 AEC é travado o primeiro combate entre Públio Cipião e Aníbal, no qual o cartaginês sai vitorioso. Em seguida, os romanos sofreram outra derrota, forçando o senado a enviar dois cônsules, Gneu Servílio Gemino e Gaio Flamínio a fim de deter os exércitos inimigos (Monteiro, 2015, p. 167-169). Nesse contexto, no fim de 217 AEC, Gneu e Públio Cipião cruzam o rio Ebro e reconquistam Sagunto. Um ano depois, Cartago mandou reforços à Asdrúbal para que enfrentasse os romanos na Hispânia e posteriormente se juntasse com seu irmão na Península Itálica. Contudo, Gneu e Públio Cipião o derrotaram, o que causou a estagnação da segunda invasão cartaginesa na Península Itálica. Essa disputa se torna mais acirrada quando os cartagineses reforçam a posição de Magão Barca, irmão de Aníbal, no território e com os romanos instigando o sentimento anti-púnico (Monteiro, 2015, p. 177).

Na região hispânica, os norte-africanos possuíam três exércitos: o de Asdrúbal Barca, Magão Barca e Asdrúbal Gisgão (Monteiro, 2015, p. 177). Os três cartagineses foram capazes de derrotar e matar Públio Cipião, seguido por Gneu Cipião. Nesse contexto, o Senado romano reage colocando em comando Públio Cornélio Cipião, filho do cônsul Ticino, que, a partir de 210 AEC, inicia uma reviravolta na guerra. Em 209 AEC, Cornélio Cipião realiza um ataque bem-sucedido aos cartagineses na Hispânia, já em 208 AEC faz um novo ataque ocasionando na fuga de Asdrúbal Barca do território ibero (Monteiro, 2015, p. 178). Aníbal então, observava a virada que os romanos estavam dando, no qual na Hispânia Cornélio Cipião obtinha cada vez mais êxitos. Cipião venceu também Asdrúbal Gisgão em 206 AEC, na batalha de Ilipa, causando praticamente a dissolução do exército púnico na Hispânia (Monteiro, 2015, p. 183).

Convergindo com Monteiro, Campos (2013, p. 39) aponta que entre os anos de 205 e 202 AEC, uma nova conjuntura da guerra pode ser observada. A vitória romana se deu em 202 AEC, no norte da África, quando os romanos impuseram um tratado contra Cartago e pouparam a vida de Aníbal. Para Campos, a vitória da Segunda Guerra Púnica foi um ponto fundamental para o processo expansionista romano, a partir de finais do século III AEC, no Mediterrâneo. Assim, Roma desarticulou seu principal concorrente, Cartago, e pôde estabelecer uma série de alianças políticas sob sua liderança. Dessa forma, pontuamos que a Segunda Guerra Púnica foi um fato decisivo para o imperialismo romano.

Por conseguinte, Campos (2013, p. 42) pontua que somente no século I E.C, a palavra *imperium* trouxe o sentido de extensão territorial. Por meio de Erskine, Campos aponta que essa concepção estaria relacionada com uma área no qual os romanos detinham influentes desígnios e autoridade sob os demais povos, integrando-os à sua dinâmica de poder. Convergindo com Campos, Norma Musco Mendes (2006, p. 232), aponta que o termo se entende como um Estado que passa a exercer a soberania sobre ampla extensão territorial, por meio de relações formais ou não. Além disso, observa que a ligação império e imperador não é prontamente válida a Roma, visto que se desenvolveu um império no período da República. Assim, compreendemos que o imperialismo pode ser entendido como a estruturação de um Estado em se expandir territorialmente, de maneira ilimitada, com ou sem o uso da força (Campos, 2013, p. 44).

Dito isto, as práticas imperialistas são tidas como um processo no qual a região ou Estado submete outros grupos por meio ou não da força, com outros tipos de coação, aproveitando-se de acordo com seu interesse, ou seja, não se limita a violência (Campos, 2013, p. 44-45). Segundo Campos o imperialismo romano ocorreu de forma inconsciente, devido às necessidades de proteção territorial romana e ataques externos. Esse imperialismo defensivo foi um ponto essencial para a expansão, frisando também que as ameaças podiam ser ou não reais. As práticas imperialistas poderiam acontecer de diversas formas, através de alianças, ou até mesmo de forma indireta através da hegemonia de poder nessas regiões conquistadas (Campos, 2013, p. 46-47).

Nesse ínterim, para que esse processo se consolide são essenciais ações político-culturais. Os romanos, nessa troca cultural com os iberos, se valeram de dispositivos elaborados pela execução imperialista a fim de assegurar a dominação política, cultural, econômica e social, por exemplo utilizando-se de aspectos religiosos e literários. Assim, o indivíduo seria ensinado como agir e se portar no meio provincial, integrando os interesses metropolitanos (Campos, 2013, p. 22).

Um dos termos mais utilizados ao longo dos anos para designar essa relação dos romanos com os demais grupos é a Romanização. Palavra essa que vem sendo usada em referência ao estudo da influência romana sobre os grupos que tiveram contato com o poder e modo de vida de seus invasores. Segundo Mendes (1999, p. 311), esse processo foi compreendido por boa parte da historiografia como a adoção homogênea da cultura romana pela população indígena e como uma forma de progresso moral e social. Convergindo com Mendes, Bruno dos Santos Silva (2011, p. 58), expõe que especialistas no final do século XIX e início do século XX, influenciados pelo aumento da importância

dos Estados Nacionais, imputam a ideia no termo romanização com sentido de evolução moral, a transição da barbárie ao civilizado.

Entretanto, este cenário começa a mudar nas décadas de 1950 e 1960. Diante de um mundo bipolarizado entre Estados Unidos e União Soviética, temos também uma sequência de movimentos independentes de países asiáticos e africanos de suas nações colonizadoras. Esse período de descolonização ocasiona uma série de transformações culturais, sociais e políticas. No que tange ao meio cultural, surge intelectuais comprometidos em contestar ideias dos períodos coloniais e dar enfoque às especificidades de seus países (Silva, 2011, p. 61). Assim, Silva (2011, p. 4) apresenta também que nessa busca por contestar visões monolíticas do passado, arqueólogos e historiadores da antiguidade questionam a romanização. Dessa forma, percebemos que a ligação existente entre os romanos e os povos iberos não ocorre por apenas assimilação dos preceitos romanos pelos iberos, mas sim de uma relação de trocas.

Convergindo com Silva, Norberto Luiz Guarinello (2010, p. 116-117) pontua a mudança ocorrida com os movimentos de 1960 e a renovação cometida. Dessa forma, as teorias de identidade desconstruíram a visão, que por muito permeou, de uma identidade romana imutável. O Império Romano passa a ser entendido como um jogo de relações múltiplas, com um sistema de comunicação comum. Assim, visto não mais como aculturação, mas sim um processo de fusão de identidades e hibridização.

2.3 A Província da Lusitânia

Após o fim da Segunda Guerra Púnica, se inicia um processo de estabelecimento dos romanos na Península Ibérica. Conforme João Lucas Reis Oliveira (2022, p. 17-18) apresenta, em 197 AEC se desenvolve um plano de formação administrativa provincial. O espaço territorial foi dividido em dois: Hispânia Citerior (oriente) e Hispânia Ulterior (ocidente). Como demonstra o mapa abaixo:

Mapa 3¹³ - Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior

¹³ Imagem disponível em: <https://hispaniaeterna.wordpress.com/tag/hispania-citerior/> Acessado em: 13/09/2024



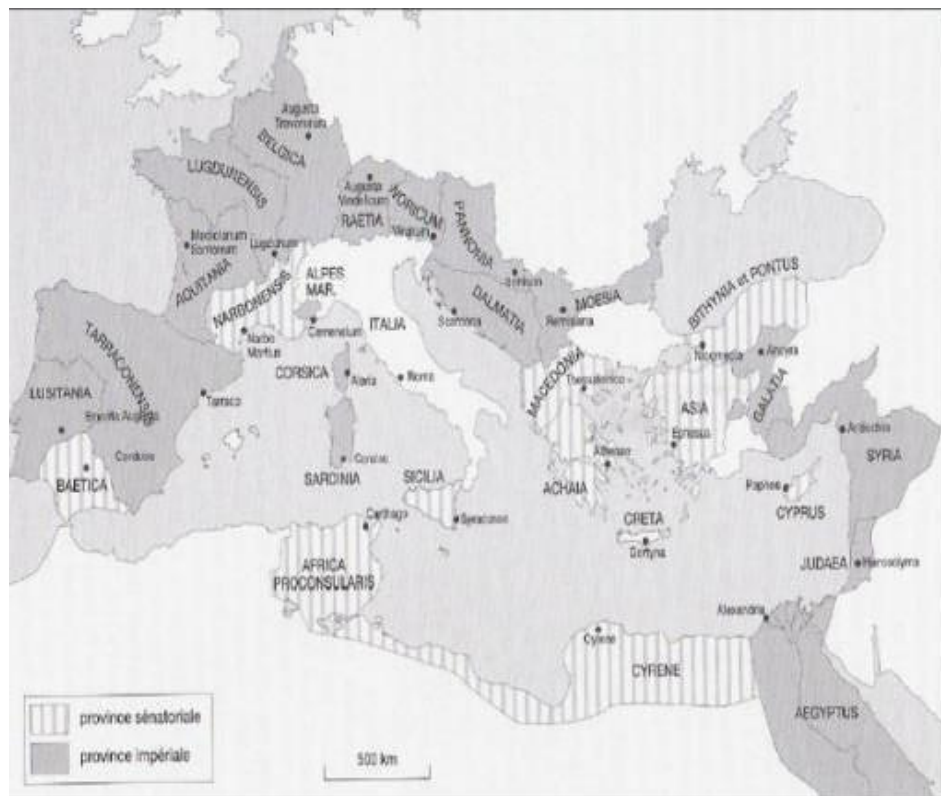
Dito isto, Oliveira (2022, p. 18) pontua a existência dos registros da primeira batalha entre romanos e nativos, em 194 AEC. Os nativos enfrentaram derrotas ao longo dos anos seguintes, levando a uma ocupação mais efetiva pelos romanos. Entretanto, uma das ações mais relevantes dos romanos ocorreu em 138 AEC quando o governante da Hispânia Ulterior, Décio Júnio Bruto, estabeleceu um posto no vale do Tejo e fortaleceu Olisipo (atual Lisboa), o que permitiu a acessibilidade de tropas por via náutica. Ademais, Norma Musco Mendes (2006, p. 242) aponta que a intervenção imperial na região acontece por diferentes modalidades de práticas espaciais, tal como a construção de rede viária. Essa política de ordenamento promovida pelos romanos não ocorre de maneira uniforme, seguiu-se as condições físicas da região, pontos estratégicos e recursos financeiros.

Assim, por volta de 81 AEC, novos conflitos se desenrolam, não mais entre romanos e nativos, mas combates próprios de Roma. Pierre Grimal (2001, p. 104), ainda que exponha em sua obra “História de Roma” aspectos a serem debatidos e já ultrapassados da historiografia, apresenta a figura de Sertório. Este, que estava

descontente com o rumo que Roma levava e as reformas realizadas por Sula, criou uma província dissidente na Hispânia e aliou-se ao monarca Mitríades, o qual estava há anos em batalha com Roma. A união dos dois não fora o bastante para abater Roma, ambos acabaram mortos. Após uma sequência de conflitos que Roma enfrentava, observamos a ascensão de Júlio César em 47 AEC, o qual foi designado à administração da Hispânia Ulterior e realizou investidas contra os lusitanos (Oliveira, 2022, p. 18).

Por conseguinte, com a instabilidade que Roma passava e a queda de Júlio César, seu filho adotivo, Otaviano, começa a ganhar proeminência política e se junta a Marco Antônio e Lépido, se voltando contra os tiranicidas. Otaviano, que posteriormente receberia a titulação de Augusto, desenvolveu uma nova separação: Tarraconense, Bética e Lusitânia, nesta última incluindo o centro e sul do atual Portugal (Mendes, 2006, p. 238).

Mapa 4- A Expansão romana no governo de Augusto-Tarraconense, Bética e Lusitânia (Campos, 2013, p. 185).



Observamos então, que seguindo os passos feito por Júlio César, a reorganização feita por Augusto na Lusitânia e Hispânia no geral significou uma nova concepção para os lusitanos modificando os assentamentos e a organização territorial, criando uma paisagem híbrida, com estratégias de intervenção como exploração de recursos, e formas de relações sociais baseadas na unidade administrativa romana: *ciuitates* (Mendes, 2006, p. 239). Assim, *ciuitas* é compreendida como um vasto território limitado não somente

por questões geográficas, como também grupo étnico ou uma política anterior, no qual cada uma era composta por aglomerados urbanos e uma população rural dispersa (Mendes, 2006, p. 242).

Essas *ciuitates* da Lusitânia possuem um estatuto político-jurídico complexo. Carlos Eduardo da Costa Campos (2013, p. 113) aponta que o estatuto jurídico para cada cidade se deu por meio das colônias e os municípios. *Coloniae* e *municipia* eram cidades privilegiadas, seguindo diretrizes de Roma, enquanto as demais eram cidades peregrinas, privadas dos direitos romanos e latinos. No período de Augusto, Mendes (2006, p. 243) aponta que elas eram repartidas entre: *colonia*, *municipium civium romanorum*, *municipium latinum* e *oppidum stipendiarium*¹⁴. Colônia entende-se como uma nova fundação que reproduz o modelo de cidade romano. Além disso, os habitantes possuíam cidadania romana completa e administração com base na organização institucional romana. Possuindo assim, senado local, magistrados superiores colegiados e correspondentes colégios sacerdotais. Colônias como *Augusta Emerita* e *Metellinum* são alguns exemplos que podemos citar dessa administração. A relação estabelecida entre os povos iberos e os romanos trata-se de algo complexo e cheio de nuances.

¹⁴ Segundo Mendes (2006, p. 243), *municipium civium romanorum* e *municipium latinum* eram cidades indígenas que recebiam direitos cívicos romano completo e incompleto respectivamente. *Oppida stipendiaria* eram cidades regidas por suas próprias leis, no qual seus habitantes não possuíam direitos civis, políticos e fiscais.

3 – A CIDADE ROMANA DE ABELTERIUM: ENTRE A DOCUMENTAÇÃO E A HISTORIOGRAFIA

3.1 As cidades romanas: estruturas físicas:

Roma, ao longo de sua história, fundou, modificou e influenciou diversos centros urbanos e, conseqüentemente, seus habitantes. Ainda hoje é possível encontrar inúmeras cidades romanas na Europa e norte da África, assim como seus monumentos, estradas, aquedutos e termas. Segundo José Ramón Alonso Pereira (1999, p. 91), as cidades em melhor estado de conservação, em geral, se localizam no norte do continente africano. Ressalta também casos na Espanha, Barcelona e León, onde ainda se percebe as linhas de muralhas. Entretanto, antes de entrar necessariamente nas cidades romanas e a sua disposição observamos como esse espaço urbano pode ser entendido e como recebeu influência de outros povos.

De acordo com Leonardo Benevolo (1991, p. 13), o termo cidade pode ser entendido em dois sentidos: designar uma organização da sociedade integrada e concentrada, a qual inicia há 5 mil anos na região do Oriente Próximo ou indicar o status físico desta sociedade. O autor traz essa distinção afirmando que o aspecto físico da comunidade é mais durável que os próprios habitantes, no qual pode permanecer em funcionamento ou em ruínas enquanto seus integrantes desaparecem. Esta característica física refere-se à organização social e possui informações acerca daquela comunidade, no qual em muitos casos podem apenas ser conhecidas por meio de suas estruturas.

Conseqüentemente, Benevolo (1991, p. 17) pontua que o ambiente urbano está diretamente relacionado com o corpo social de dada sociedade, sendo este cenário uma aparelhagem deste corpo. Carlos Eduardo da Costa Campos (2013, p. 64) compreende também que as cidades, seja na Antiguidade ou atualidade, são dotadas de diversas expressões culturais que oferecem a materialidade histórica da população que ali vivia e realizava suas ações político-sociais. Assim, tornando possível o estudo sobre essas comunidades.

Dito isto, parte-se para a elaboração das estruturas romanas. Como afirma Maria das Graças V. Proença dos Santos (2022, p. 48), ao longo de sua formação Roma foi fortemente influenciada pela cultura helênica e pelos etruscos, este último ocupando diferentes regiões da Península Itálica durante muitos séculos. O quadro de informações sobre os gregos é mais difundido que dos etruscos, como aponta a autora sabe-se que ocuparam a região de Roma no século VI AEC. Dessa forma, os romanos foram assimilando a procura pelo ideal de beleza dos gregos e a expressão de realidade dos etruscos.

Durante o período arcaico e clássico grego, buscava e valorizava-se a simetria, com a beleza sendo algo debatido por filósofos. A obra considerada bela deveria abarcar a

proporção e a harmonia, fato que impulsionou o aperfeiçoamento de técnicas e a procura por proporções que produzissem obras com essa ideia. Com relação às edificações, os templos são grandes destaques, além de reunir pessoas em seu interior também tinha a função de proteger as esculturas das divindades. Dentre suas características mais marcantes está a simetria entre o pórtico¹⁵ de entrada e dos fundos, sendo cercado pelo peristilo¹⁶ que dependendo da cidade podia ser formado por duas séries em torno do núcleo do templo (Santos, 2022, p. 36-38).

Em relação a arquitetura grega no período helenístico há uma substituição de senso de cidadania pelo individualismo. As casas, que no século V AEC eram mais modestas, passaram a ser mais luxuosas e cuidadosas. Os teatros também sofrem essa modificação com o deslocamento de foco do coro para o desempenho dos atores. No século II AEC, as apresentações se concentravam mais isoladas do público e com destaque nas ações dos atores, a orquestra passou de um local circular completo para concentrado e compacto. Este último fato se tornou muito popular entre os romanos posteriormente (Santos, 2022, p. 45-46). Com as trocas culturais ocorridas entre os povos do Mediterrâneo é possível notar a grande influência que a Grécia possuía, entre os romanos não foi diferente adaptando estruturas físicas e culturais para si.

Benevolo (2001, p. 136), pontua que a civilização etrusca se constituía de inúmeras Cidades-Estado, algumas principais como Volterra e Arezzo, com uma elevação facilmente defensável¹⁷. Segundo ele, os autores antigos conferem aos etruscos a origem das regras para planificação das cidades, a qual os romanos posteriormente utilizaram: *inauguratio* (consulta aos deuses antes da fundação de uma cidade), *limitatio* (demarcação do perímetro) e *consacratio* (sacrifício celebrado na cidade fundada). Entretanto, as formas traçadas no terreno pelos etruscos não seguem a regra geométrica comparável com os romanos.

Dessa forma, Vasco Gil Mantas (2020, p. 471) aponta que é inegável reconhecer o valor do aspecto urbano no Império Romano, com as redes urbana e viária, complementares entre si, constituindo parte de uma estrutura de poder que suscitou admiração. Além disso, Pereira (1999, p. 71) afirma que várias são as contribuições romanas para a arquitetura ocidental, sendo a mais importante para ele o fim da limitação tradicional de experiências, trazendo a ampliação e multiplicidade da arquitetura romana. Assim, a sociedade e a estrutura romana acabam por trazer novos aspectos no modo de abordar o palácio e a casa (ambiente doméstico), como também trazer mais perspectivas de lazer e funções no âmbito público. Ademais, afirma que poucas vezes na história ocorreu uma mudança tão significativa quanto a ampliação do território arquitetônico romano no mundo clássico.

¹⁵ Pórtico refere-se a um espaço levantado por colunas que se localiza nas entradas de certas construções como templos ou palácios e revestido com diversos materiais. Fonte: <https://conceito.de/portico>. Acessado em: 24/10/2024

¹⁶ Colunata ou série de colunas.

¹⁷ Sendo aproveitadas e transformadas pelos romanos posteriormente.

Consequentemente, Pereira (1991, p. 71-72) aponta também outras duas contribuições: a grande criatividade, transformando as obras em referência da arquitetura e as novas técnicas construtivas dos arcos e abóbadas¹⁸, que mudam da perspectiva do templo grego. Tais fatores transformam significativamente o âmbito físico. Nesse contexto, a arquitetura se redefine, realizando assim a transmissão dessa cultura através da codificação a fim de expandir esse conhecimento. No final do período helenístico e continuamente no contexto romano, foram feitos textos, manuais e tratados abordando essa temática, ao ser escrito o saber se limita, mas adquire a comunicação à distância. Um dos únicos tratados conservados trata-se do *Os dez livros de arquitetura* escrito por Marco Vitruvius Polião, sendo posteriormente um grande influenciador no meio arquitetônico.

Ademais, Pereira (1991, p. 75) assim como Santos (2022, p. 49) afirmam que enquanto na estrutura física grega a coluna era um dos elementos essenciais, no contexto romano é reduzida, optando pela parede. Esta, o pano de muro, massa, volume e abertura alcançam no meio romano um novo patamar. A adoção do arco e da abóbada trazem uma nova perspectiva, demonstrando concepções espaciais e possuindo um papel essencial permitindo que os romanos criassem ambientes mais amplos, sem o excesso de colunas. A abóbada romana apresenta variedades, generalizam-se as de berço e de aresta, mas também se empregam modelos transversais, exigindo paredes grossas. Como aponta o autor, a arquitetura romana é plástica, com a utilização de formas redondas, de modo que os edifícios possuíam em geral aspecto de terem sido moldados à base de argamassa ou concreto. Ainda que em Roma a abóbada tenha sido usada, é no contexto imperial que as grandes edificações cobertas complexas a utilizam.

Antes da adesão do arco, o vão localizado entre uma coluna e outra era limitado pelo entablamento¹⁹, esse espaço não poderia ser muito grande uma vez que quanto maior a viga, maior a tensão sobre ela, consequentemente a pedra não suportaria grandes tensões. Assim explica-se o fato dos templos gregos possuírem diversas colunas, ocasionando na diminuição de espaço de circulação. Com o arco, ampliando o vão entre uma coluna e outra, foi possível reduzir a sobrecarga do centro, tornando as tensões

¹⁸ Segundo Proença (2022, p. 49), abóbada refere-se a uma cobertura arqueada, côncava internamente, geralmente constituída por pedras ou tijolos apoiados uns aos outros a fim de apoiar o próprio peso e pesos externos. Podendo ser sustentado por colunas, paredes ou pilares.

¹⁹ Segundo Proença (2022, p. 39), o entablamento refere-se à parte superior de uma construção que fica acima das colunas.

homogêneas e dando maior estabilidade (Santos, 2022, p. 49). Abaixo vemos algumas ilustrações acerca dessas estruturas:

Imag.1²⁰ - Abóbada de berço e aresta



Imag.2²¹ - Arco de Trajano (Argélia)

²⁰ Disponível em: <https://www.turomaquia.com/caracteristicas-de-uma-igreja-romantica-san-martin-de-fromista/>. Acessado em: 16/10/2024

²¹ Disponível em :https://apaixonadosporhistoria.com.br/texto/270/os-15-arcos-do-triunfo-mais-famosos-da-roma-antiga#google_vignette Acessado em: 16/10/2024



Dito isto, a edificação romana exprime uma afirmação de autoridade, constituindo uma simbologia que capta a população, demonstrando presença e poder (Pereira, 1991, 79). Como já exposto no capítulo anterior, Roma adota uma política de expansão territorial, especialmente após a Segunda Guerra Púnica, e com isso seu modelo estrutural e cultural também será influente nessas regiões. Entretanto, como o artifício do poder romano se deu nessas províncias será aprofundado no tópico seguinte, por ora abordaremos como essas províncias se organizavam estruturalmente seguindo os padrões arquitetônicos romanos.

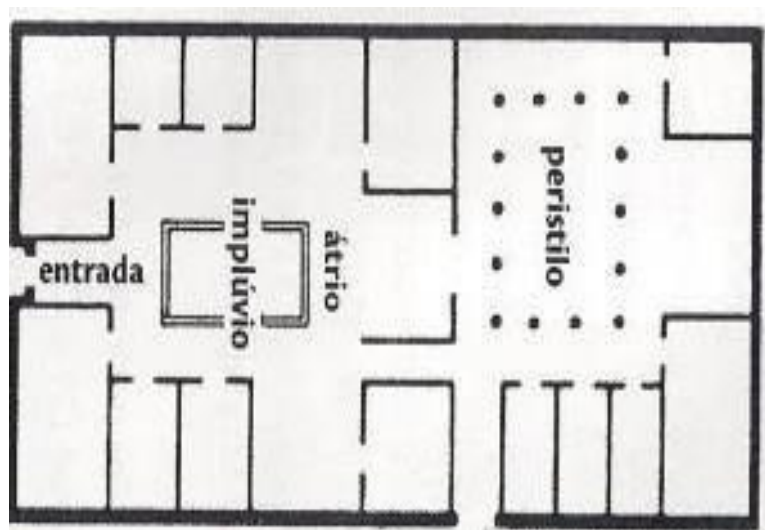
Já no final do século I AEC, os romanos começaram a produzir criações artísticas mais independentes das influências etruscas e gregas (Santos, 2022, p. 49). No âmbito doméstico, as edificações romanas desenvolveram três tipos diferentes: *domus* (moradia dos habitantes), *insula* (edifício de apartamentos) e a *villa* (moradia no campo ou arredores da cidade) (Pereira, 1991, p. 82).

Benevolo (2001, p. 163) aponta que as *domus* são as casas típicas do Mediterrâneo, com um ou dois andares, fechada para a parte externa e aberta para a interna. As casas romanas possuíam o formato de um retângulo com a porta principal, que se localizava em um dos lados menores desse retângulo, conduzindo até um espaço central denominado *atrium*. O telhado deste possuía uma abertura que levava diretamente para um tanque (implúvio). Em direção a porta de entrada estava o aposento principal da casa, no qual este e os demais cômodos conectavam-se ao *atrium*. O vão retangular no telhado permitia a entrada da luz solar, ar e a água da chuva, que caía diretamente no

implúvio. Além disso, o peristilo foi um elemento adaptado dos gregos, acrescentado nos fundos da residência em torno dos cômodos da casa (Santos, 2022, p. 49-50).

Dessa forma, complementa Pereira (1991, p. 82) que a parte mais típica romana anterior à influência grega refere-se ao *atrium*, local onde se encontrava os espaços ao culto dos antepassados. Diretamente dois cômodos se abrem a ele: *tablinium* (sala de estar e jantar) e o local com o leito conjugal. Com a adoção do peristilo este torna-se um lugar de trânsito, passando a ter ao seu redor os espaços da residência mais acessíveis aos habitantes. Como ilustra a imagem:

Imag. 3- ²²Modelo de casa romana



Já a *insula* trata-se de uma edificação tipicamente metropolitana, constituída por diversas habitações idênticas, separadas por pisos de madeira (Pereira, 1991, p. 82). Segundo Benevolo (2001, p. 163), elas foram se tornando cada vez mais altas até que o Imperador Augusto²³ estabeleceu um limite de no máximo 21 metros, equivalente a 6 a 7 andares. Posteriormente, Trajano²⁴ baixou esse limite para 18 metros, 5 a 6 andares. Os muros são de madeira, logo desabam com facilidade, não possuíam aquecimento recorrendo a aparelhos portáteis que aumentavam o risco de incêndios. As janelas não tinham vidraças, apenas cortinas e persianas de madeira, que excluía o ar e a luz. Não possuíam água corrente, exceto pelo primeiro andar, nem privadas.

²² Disponível em: <https://hav120151.wordpress.com/2017/07/11/jardins-na-antiguidade-da-mesopotamia-a-roma/casa-romana-001/>. Acessado em: 16/ 10/ 2024.

²³ Caio Júlio César Otaviano Augusto foi imperador de Roma entre 27 AEC e 14 EC.

²⁴ Marco Úlpio Nerva Trajano foi imperador de Roma entre 98 EC e 117 EC.

Por fim, a *villa* possui uma disposição mais espontânea e dispersa que a *domus* em si. Ao contrário dela, que tem um aspecto fechado para o exterior, a *villa* tem sua orientação voltada para o exterior com maior diversidade de plantas e formas de cômodos. Nos mais luxuosos seu exterior pode estar com pórticos e colunatas, com os recintos voltados para a paisagem a fim de receber o sol no inverno e sombra no verão. Assim, o palácio trata-se da monumentalização de algumas tipologias domésticas (Pereira, 1991, p. 83).

Dessa maneira, abordando agora o espaço público, os locais mais característicos da arquitetura romana são as termas, anfiteatros e monumentos comemorativos. As termas, os banhos públicos, desempenham um papel essencial na vida social da população, unindo a vida higiênica e social, contando com um grande público. As termas não se definiam apenas como banhos, mas também eram constituídas pelo *frigidarium* (piscina de água fria), *tepidarium* (sala com calefação) e *caldarium* (banhos de água quente e vapor). Além disso, salas de massagem, alojamento para atletas e salas de reuniões. Suas proporções vão se tornando cada vez maiores, sendo uma das edificações mais complexas da Antiguidade. Dentre as mais conhecidas termas romanas temos as de Caracalla e a de Diocleciano, ainda muito bem preservadas hoje em dia (Pereira, 1991, p. 79).

No quesito de edifícios para espetáculos tem-se os teatros, anfiteatros e circos. O teatro como arte é uma criação grega, tal como o local destinado a sua representação constituído em três partes principais: cenário, orquestra circular e arquibancadas. Como visto anteriormente, o teatro romano realiza modificações a partir da influência grega, por exemplo a redução de tamanho da orquestra, se tornando semicircular. Exemplos de teatros romanos são encontrados ainda hoje em várias regiões do antigo Império Romano, pode-se destacar o teatro de Herodes Ático em Atenas e o de Mérida na Espanha. Os anfiteatros são uns dos edifícios de lazer mais característicos da arquitetura romana, o mesmo é cercado por todos os lados de arquibancadas. O espetáculo ocorre na parte central, no qual embaixo existem corredores, câmaras e escotilhas para as apresentações e saídas de animais, gladiadores e atores (Pereira, 1991, p.80).

Por conseguinte, Santos (2022, p. 53) pontua também que a adoção dos arcos e abóbadas permitiram a realização de construções amplas, em especial o anfiteatro. A fim de abrigar muitos espectadores a planta grega foi fortemente transformada. Ao utilizar arcos sobrepostos os construtores obtiveram apoio para a estrutura em que realizavam o auditório (local para o público), com isso não era mais necessário designar o auditório nas encostas das colinas, como os gregos faziam. Assim, a construção desses edifícios foi

possível em qualquer ambiente. Consequentemente, essa liberdade proporcionou um espetáculo muito conhecido: as lutas de gladiadores, as quais podiam ser vistas de qualquer ponto. O anfiteatro, assim, trata-se de um espaço central elíptico, onde ocorria o espetáculo e ao redor dele um auditório com filas de assentos. Na parte externa, o monumento era ornamentado por esculturas, as quais ficavam dentro dos arcos e colunas. Vale ressaltar que estas últimas não tinham a função de sustentar, mas apenas de ornamentar. Um dos mais conhecidos anfiteatros é o Coliseu, em Roma.

Ressalta-se também o circo romano, correspondente ao estádio grego, destinado a corridas e competições de atletismo. De formato retangular com arquibancadas nas extremidades maiores e fachadas menores semicirculares, apresenta uma espécie de pedestal denominado espinha, no qual em seu entorno havia a pista (Pereira, 1991, p. 81). Além disso, os templos romanos são monumentos de destaque, os quais eram construídos em um plano mais elevado e sua entrada se dava apenas pela frente visto que dois terços do espaço era fechado com parede. A entrada era realizada pela escadaria, construída diante da fachada principal, guiando assim o caminho a ser percorrido. A fachada era distinta das laterais e do fundo do templo, pois possuía a escadaria e o pórtico. Enquanto os gregos criavam edifícios para serem vistos externamente, os romanos buscavam criar espaços interiores. Dois exemplos conhecidos de templo são o Panteão, em Roma, e a Maison Carree, em Nîmes, França (Santos, 2022, p. 51).

Imag. 4²⁵ - Maison Carrée (Nîmes, França)

²⁵ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Maison_carr%C3%A9e . Acessado em: 17/10/2024



Por conseguinte, Benevolo (2001, p. 174) expõe que a rede de estradas é um dos serviços mais eficientes, no qual algumas vias permanecem conservadas até a atualidade, como a Via Ápia²⁶. A construção das estradas seguiu em paralelo com a expansão territorial, a fundação e conquista das províncias, atuando como meio de movimentação dos legionários, tráfego comercial e a comunicação administrativa. A estrada está sob um calçamento de pedras batidas coberto com saibro²⁷ fino e revestido por pedras poligonais. Sua largura é limitada a 4-6 metros, o necessário para permitir a circulação dos pedestres e carruagens. Quando não há obstáculos naturais preferem-se estradas retas, ainda que longas. Os cursos de água exigem a construção de pontes de pedra ou madeira, as quais muitas estão preservadas. A partir de Augusto, começa a funcionar nas estradas um serviço de correio com estações secundárias e estações principais (Benevolo, 2001, p. 186-188).

Assim como as estradas, os aquedutos são um serviço público, construídos pela administração para satisfazer as necessidades da população. Eram utilizadas de preferência água de nascente ou pluvial, canalizando-a em um espaço retangular coberto, mas com possibilidade de ser inspecionado e arejado, com declive constante a fim de permitir que a água flua o mais livre possível. No decorrer do percurso e na chegada dos aquedutos encontram-se reservatórios de decantação, no qual são depositados as impurezas, em seguida passa para um tanque de distribuição, onde é medida e por fim a tubulação da cidade (Benevolo, 2001, p. 188).

²⁶ A Via Ápia foi construída em 312 AEC, cujo nome é em memória de Appio Claudio, cônsul romano, que iniciou a edificação da estrada, sendo feita para fins comerciais e militares. Trata-se de uma estrada de grande extensão territorial e uma das mais importantes de Roma, sendo declarada Patrimônio Mundial da Unesco em 2024. Também é conhecida como *Regina Viarum* (Rainha das Estradas). Fonte: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/reuters/2024/07/27/primeira-rodovia-de-roma-entra-para-lista-de-patrimonio-mundial-da-unesco.htm>. Acessado em: 24/10/2024

²⁷ De acordo com o Dicionário Priberam saibro significa areia grossa com pequenas pedras à mistura. Fonte: <https://dicionario.priberam.org/saibro>. Acessado em: 24/10/2024

Imag.5²⁸- Rua da cidade de Pompeia



Imag. 6²⁹- Aqueduto Ponte do Rio Gard (século I AEC)



Nos extremos do Império consolida-se fronteiras constituída por limites que são um conjunto de benfeitorias espalhadas por uma faixa. O elemento essencial dele é uma estrada aberta ou sobrelevada. Esta fronteira é reforçada por uma escavação artificial, onde não havia defesa natural ou um muro de madeira, terra ou pedra. No seu decorrer existiam instalações como acampamentos, presídios menores, bases fortificadas e em colaboração as cidades fortificadas (Benevolo, 2001, p. 191).

A estrutura física adotada por Roma perpassa para suas províncias, não à toa pode-se encontrar monumentos e arquiteturas desse período em diversas partes da Europa e norte da África. O papel das cidades foi primordial para o desenrolar expansionista romano, desdobrando não apenas seu modelo estrutural, mas também cultural. Seguindo o modelo da arquitetura romana, as cidades possuíam, portanto, similaridades entre si

²⁸ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrada_romana. Acessado em: 17/10/2024

²⁹ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_do_Gard . Acessado em: 17/10/2024

com a utilização de materiais semelhantes. Entretanto, sofrendo adaptações de acordo com seu espaço e cultura. Como aponta Campos (2013, p. 71), a cidade demonstrava a materialidade do poder romano em suas áreas de conquista. Segundo Mantas (2020, p. 472) a cidade na Hispânia vem desse processo expansionista, parte constituinte da Hispânia Ulterior, o que viria a ser a província da Lusitânia, foi por muitas décadas um setor caracterizado por uma dinâmica de fronteira.

3.2 Cidades Romanas: Estruturas Culturais:

Durante muitos séculos a ideia propagada dos romanos pela historiografia europeia era de uma civilização que poderia conquistar e organizar o mundo, constituindo e legitimando um império. Segundo Regina Maria da Cunha Bustamante (2006, p. 1), a justificativa da história de Roma, relacionada a um papel pacificador e civilizador, foi reafirmada durante o processo imperialista, com a historiografia colonial ressaltando suas qualidades. Realizando um papel entendido como a transferência da civilização a outros grupos sociais. Assim, os romanos teriam encucado as cidades, vilas, língua latina, estradas, monumentos, entre outros, tendo a Europa Ocidental como herdeira.

Entretanto, como visto anteriormente, no século XX surgem movimentos de independência afro-asiática que trazem uma perspectiva pós-colonial buscando elementos nativos, afastando a ideia de uma perspectiva estática e autônoma de cultura. Dessa forma, entende-se que as culturas são criadas e modificadas dentro de um meio social e histórico, constituído não somente de instituições práticas, mas também de simbologia e representações, ocasionando em disputas, conflitos e negociações. Sendo elas distintas e plurais, estão sujeitas a uma diferenciação e hierarquização com relação às demais, adentrando aos interesses sociais. Isto pode se suceder de diferentes formas como práticas, comportamentos, imaginário entre outros a fim de dominar, agregar, opor e subordinar um grupo (Bustamante, 2006, p.1).

Assim, existem estratégias utilizadas que permitem manter um grupo unido que se identificam culturalmente, se reconhecem entre si e se distinguem dos demais. Estar ou não a um grupo ou sociedade é uma construção social e cultural, o qual a aceção e o modo mudam no tempo e espaço. Como abordado no capítulo anterior, a identidade dos grupos ocorre a partir das trocas culturais, permitindo a apreensão do homem em sua diversidade (Bustamante, 2006, p. 1-2).

Bustamante (2006, p. 2) pontua que após as guerras civis e o fim da República, no final do século I AEC, buscava-se resgatar a unidade nas origens romana, com uma identidade coletiva sob o poder centralizado nas mãos do *princeps*, neste momento

Augusto. Com a afirmação de um passado comum e a rememoração das origens da cidade e do *mos maiorum*³⁰, Roma se tornou um Império. Dessa forma, subjugou territórios por meio militar, mas também através de suas leis, política e cerimônia, os quais se expressaram na cidade, de suma importância na manutenção de seu Império. Esses valores ao passarem a ser incorporados às instituições e aos hábitos originaram uma vida em comum, reforçando laços. Nesse contexto, a implementação da ordem romana utilizou diversas estratégias a fim de criar um sentido de comunidade através de representações e práticas contundentes para manter uma “mudança pacífica”, sem recorrer a força física em grande escala e constantemente. O sentimento comum era necessário para a confiança e lealdade mútua entre as comunidades, instigando uma identificação parcial e ação cooperativa.

Nesse cenário, a cidade assume um espaço central visto que foi um foco essencial para difundir o modo de vida que integrasse a comunidade, de forma que estratégias foram construídas para a cumplicidade entre o ambiente habitado e o corpo social. Dessa maneira, a cidade foi o espaço primordial para as ações políticas, econômicas, sociais, culturais e religiosas atuando como um núcleo da dita “romanidade”, aproveitando cidades já fundadas e criando novas. Estabeleceram hábitos e propiciaram uma identificação parcial, em medida que houve uma conformidade entre os valores postulados. Contudo, o elemento local também possuía espaço, desde que não ameaçasse ou questionasse o domínio romano (Bustamante, 2006, p. 2). Este último fator é essencial para entender os processos realizados pelos romanos com suas diferentes províncias.

A vista disso, Irmina Doneux Santos (2013, p. 56) coloca como questão se Roma, sendo a capital do Império, estaria ou não como um modelo para as cidades provinciais. De acordo com a autora, a resposta é, ao mesmo tempo, sim e não. Expõe também que a cidade é o reflexo de sua política e sociedade, e assim, quanto mais centralizadora e influente os responsáveis por ela, maior é seu reflexo nos edifícios públicos que estabelece. Ademais, afirma que as colônias de cidadãos, fundadas a partir do século IV AEC pelo senado romano, serão precursoras de um modelo que foi repetido posteriormente. Com a fundação das colônias, Roma aparece não apenas como modelo físico, mas também intelectual/cultural, baseando o tipo de governo e as estruturas individuais tornando o modelo viável. Contudo, assim como essas cidades receberam esse modelo, Roma também teve como influência os moldes iconográficos, políticos e físicos dessas províncias (Santos, 2013, p. 59-60).

³⁰ Valores tradicionais romano.

Outrossim, Bustamante (2006, p. 3) salienta que a noção jurídica também era primordial, pois dependendo do status da cidade havia plenos direitos de cidadania. Roma, portanto, incentivava a lealdade das comunidades já existentes através da concessão do título honorífico, como recompensa por sua fidelidade, isto quando era possível, desejável e necessária essa modificação, tanto para a população quanto para o Império. Quando isso acontecia significava que já eram razoavelmente “romanizadas”, ocasionando, por outro lado, em um processo mais incentivado favorecendo um movimento de adoção dos costumes e leis romanas. Gradativamente as formas romanas eram adaptadas ao direito e às leis locais.

Em um quesito estrutural, a cidade torna-se a construção material e simbólica do local pelo Império, com uma necessidade de ordem visual, a qual a materialidade e grandiosidade reforçasse a crença na continuidade, durabilidade e imutabilidade de seu domínio. Portanto, ao observar essas edificações, o cidadão seria coagido a obedecer. Houve também uma preocupação em se elaborar edificações que oferecessem soluções aplicáveis e fáceis à construção dessas cidades nas várias regiões (Bustamante, 2006, p. 4).

Consequentemente, Bustamante (2006, p. 4) destaca que as cidades tinham como paradigma Roma, reproduzindo as instituições, cultos e monumentos. Tais instituições, já citadas anteriormente, traziam a admiração e desejo de estar ali, atraindo populações nativas com a melhoria de vida e os privilégios políticos e econômicos. Além disso, a cidade possuía um símbolo onipresente de um sistema político, religioso e social, com lugares de reunião, e edifícios públicos, onde se dava a vida coletiva.

O centro urbano, além de trazer mudanças na habitação, trouxe novas perspectivas do modo de vida e da organização política. A religião oficial romana era um fator central na vida cívica, o culto, realizado preferencialmente no âmbito público, concretizava a relação entre a comunidade. Este aspecto tratava-se também de uma expressão de fidelidade, assegurando uma paz com os deuses, e estando relacionada estritamente à comunidade, ligada ao sujeito somente enquanto membro de um corpo social. Assim, a ação comunitária e religiosa estava associada entre si. A religião oficial possuía a elite municipal como principal oficiante, por meio dos cargos sacerdotais, construtivos, por meio dos recursos nas construções e patrocinadora, pelo financiamento de banquetes e espetáculos. Contudo, o elemento nativo se mantinha (Bustamante, 2006, p. 4).

Ademais, Carlos Eduardo da Costa Campos (2021, p. 14) aponta que a religião romana abarca questões históricas, sociais e culturais. Assim, tem-se ideias, práticas,

discursos, instituições e expressões que estavam em modificação constantemente. Pontua também que um fator importante do processo religioso é a relação entre a sua estrutura e a política. Durante o período do Principado essa relação se estreita atingindo um grau elevado de sacralidade, servindo para consolidar a posição dos governantes e validar suas ações, em especial na promoção da paz. Portanto, houve uma construção do sagrado nas representações e nos discursos, que transpassou para a literatura antiga, arte e cultura material associando o governante e o divino.

Por conseguinte, Bustamante (2006, p.5) destaca que na África do Norte a associação entre as divindades greco-romanas e as nativas foi um evento comum, sendo a prática romana *interpretatio*, entendida como a assimilação das divindades com características similares. Cita como exemplo o caso de Saturno (romano) o qual foi relacionado a Baal-Hamon (púnico-berbere). Saturno recebeu a denominação de *afrorum*, sendo uma das principais divindades da localidade. Dessa forma, o culto a esse deus preservou origens púnico-berberes, mas se apropriando elementos novos. O culto de Júpiter Capitolino, no norte da África, também possuía um caráter oficial relacionado à vida militar e política. Tratava-se do deus que protegia Roma, ao invocá-lo praticavam a lealdade ao poder romano (Bustamante, 1999, p. 332).

A cultura no mundo romano é evidenciada pela cidade como centro de produção dessas obras, construindo hierarquias, consolidando lugares e relações de poder. Já evidenciado a importância do papel das cidades e religião na construção social, parte-se agora para o contexto urbano político-cultural, onde encontrava-se estátuas, esculturas, mosaicos, inscrições epigráficas, pinturas entre outros, que ornamentavam as edificações urbanas. A elite a fim de eternizar suas propriedades e espetáculos, os quais eram oferecidos para obter prestígio, encontrou uma maneira de expressão artística e decorativa de suas residências urbanas e rurais, reafirmando status e valores culturais: O mosaico (Bustamante, 2006, p. 7).

De acordo com Maria das Graças V. Proença dos Santos (2022, p. 61), o mosaico constitui-se pela formação de imagens através de agrupamentos de pequenas peças coloridas. Os fragmentos de pedras são dispostos lado a lado sobre uma superfície com um material como argamassa ou gesso, as peças são colocadas a partir de um desenho previamente determinado. Os romanos foram considerados mestres na produção dessa arte, seus desenhos representavam aspectos culturais, sociais e religiosos. Ainda hoje vários são os registros preservados dessas confecções artísticas. Como a cidade de Volubilis, que pertence atualmente ao Marrocos, local considerado Patrimônio da

Humanidade pela Unesco, contando com mosaicos em bom estado de conservação (Santos, 2022, p. 55-56).

As pinturas romanas que atualmente são mais conhecidas provêm das cidades de Herculano e Pompeia, soterradas, em 79 EC, pela erupção do vulcão Vesúvio (Santos, 2022, p. 54). A partir de Pedro Paulo A. Funari e Marina Regis Cavicchioli (2005, p. 113), a chamada arte parietal designam pinturas e grafites cujos suportes eram paredes, muros e tetos. A técnica pictórica era o afresco, utilizando as cores sobre uma capa de cal e pó de mármore, o pintor traçava as linhas para a decoração, depois pintavam as paredes de cima para baixo e executavam as imagens. Essas pinturas eram realizadas nas paredes internas e externas, as primeiras podiam ser feitas em áreas cobertas ou paredes descobertas que levavam para locais no interior do edifício, as externas, que davam para as ruas, eram menos cuidadas e de acordo com especialistas de menor investimento e qualidade.

Contudo, havia diferentes materiais, de diversos custos, que cabiam nos bolsos. Buscando estar em locais especiais da residência onde possuiriam eventos sociais importantes visto que tinha como propósito elevar o prestígio do ambiente. Tais pinturas não devem ser entendidas como meios decorativos isolados, faziam parte de um sistema de ornamentação para ambientes específicos, de acordo com a função social do meio, a luminosidade, tamanho do espaço e com relação às pinturas de teto e decoração do chão, onde em muitos casos eram mosaicos mais elaborados que a pintura em si. Ademais, sua relação com os outros objetos como estátuas e móveis. As duas cidades da Península Itálica, em suas casas maiores, eram em quase todos os cômodos pintadas, exceto cozinhas, latrinas e espaços tidos como dispensa. Os cômodos de mais importância recebiam pinturas mais refinadas, enquanto os de menos uma decoração mais simples (Funari, Cavicchioli, 2005, p. 114).

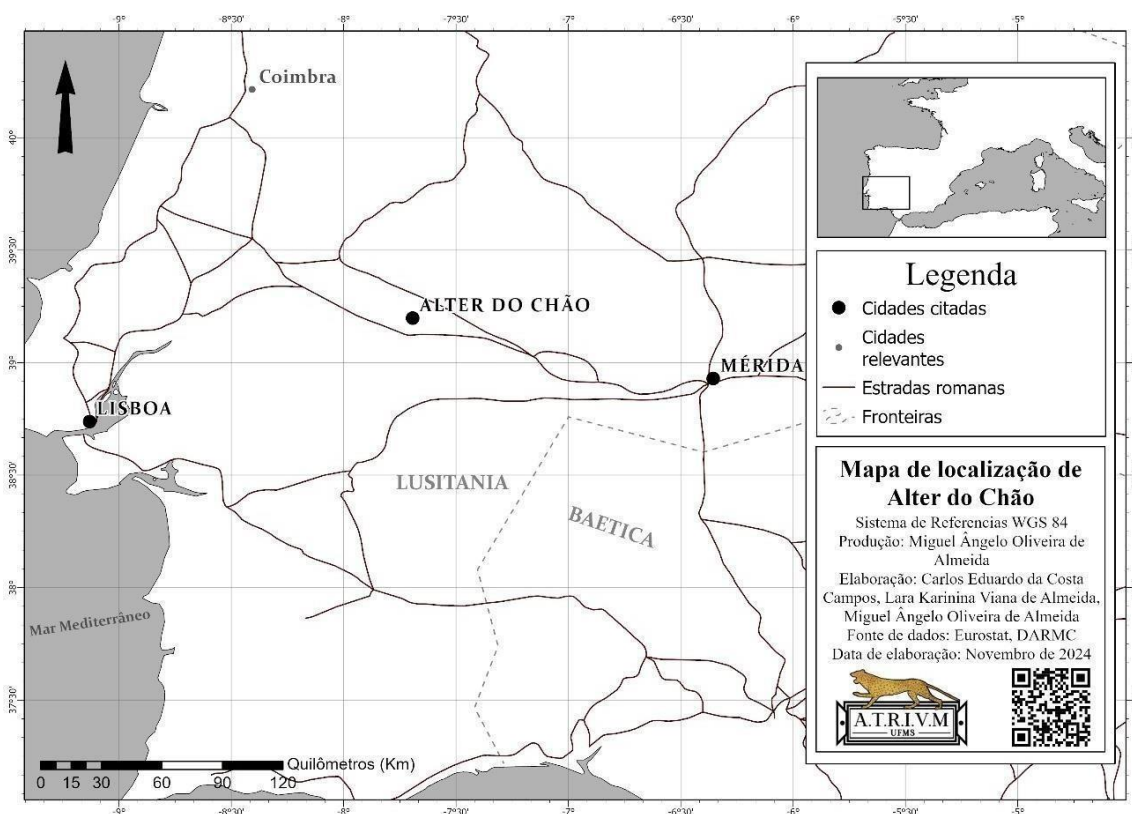
Por conseguinte, as esculturas romanas possuem influência grega, porém são resultado de um interesse único: reproduzir nas esculturas os traços específicos do retratado. Enquanto os gregos reproduziam peças que apresentavam ideias, pensamentos e qualidades, como também a preocupação com equilíbrio e beleza, os romanos se focaram em trazer personagens históricos como os imperadores e realizar obras em que a personalidade fosse reconhecível ao natural. Esta preocupação pode ser vista não apenas nas esculturas de imperadores, mas também nos relevos esculpido em monumentos que comemoram feitos importantes (Santos, 2022, p. 56-57). A vista do exposto, as províncias romanas possuíam aspectos políticos, religiosos e culturais provenientes de Roma, isto

por meio de uma rede política que teve a cidade como ponto chave para a disseminar um modo de vida que unisse e integrasse a comunidade.

3.3 *Abelterium*: um estudo de caso das suas características, estruturas e a Casa da Medusa

Como demonstrado no decorrer desta pesquisa, Roma adotou uma política de expansão territorial e cultural. Após a Segunda Guerra Púnica, essa expansão chega e toma forma na Península Ibérica. Com isso, as províncias romanas na região vão assimilando aspectos culturais, sociais e políticos de Roma. Dentre essas cidades nos focaremos em *Abelterium*, atual Alter do Chão, localizada em Portugal, há cerca de 170 km da capital Lisboa, e a Casa da Medusa, uma *villa* suburbana da cidade. De acordo com Jorge António (2014, p.11), esta localizava-se na Via XIV, a qual iniciava em Olisipo (Lisboa) e terminava em Mérida (*Augusta Emerita*, capital da Lusitânia). A via passava a poucos metros da *villa*, dando acesso a *Abelterium*, integrando e se comunicando com o Império. Como aponta o mapa:

Imag. 7- Mapa com a geolocalização de Alter do Chão³¹



³¹ Mapa autoral elaborado por Lara Karinina Viana de Almeida, Carlos Eduardo da Costa Campos e Miguel Ângelo Oliveira de Almeida.

A *Villa* romana da Casa da Medusa pertence à Estação Arqueológica de Alter do Chão, que conta também com uma necrópole Tardo-Antiga edificada no *frigidarium* das termas (António, 2014, p. 10). O sítio arqueológico é reconhecido oficialmente em 9 de janeiro de 1954, quando o arqueólogo João Manuel Bairrão Oleiro visita o local após a descoberta de estruturas arqueológicas durante a realização de obras de desaterro no campo de futebol municipal. O arqueólogo registra o cenário encontrado como vários blocos de granito, restos de mosaico, ladrilhos, entre outros. A priori, a partir das características da decoração, aponta a cronologia para o século III EC (António, 2014, p. 6).

Com o interesse da Direção-Geral da Fazenda Pública, Bairrão Oleiro busca verbas para a realização de escavações na região. Assim, a primeira campanha de escavação ocorreu em 1956, sob sua própria direção. O local voltou a ser escavado em 1979, 1980 e 1982 por António Brazão. Além disso, Jorge António, arqueólogo municipal, realizou entre 2004 e 2007 escavações no âmbito do “Projecto de Recuperação e Valorização da Estação Arqueológica de Alter do Chão” (António, 2014, p. 8-10).

A *villa* se desenvolveu em uma plataforma com boa visibilidade para a paisagem ao redor, sendo circundada por duas linhas de água. Os recursos hídricos supracitados possivelmente estavam relacionados com a própria fundação de *Abelterium*, cuja ainda hoje mesmo com as intervenções arqueológicas não se sabe o status. A região possui uma orientação sudeste/noroeste, com a área residencial na região nordeste e as termas no sudoeste. Dessa forma, a Casa da Medusa possuía os requisitos aconselhados pelos romanos na edificação de *villa*, no qual se avaliava a topografia, água em abundância, solo fértil, boa comunicação e orientação (António, 2014, p. 11-12).

Em 2009, ao longo das escavações arqueológicas, foi encontrado uma telha romana com grafito³² identificando Alter do Chão com *Abelterium*. De acordo com Jorge António e José d’Encarnação (2014, p. 40-41) tal achado se deu quando se realizava a remoção do derrube do telhado do corredor sudeste do peristilo da *domus*. Este material demonstra que um operário à serviço de um telheiro se encontrava na cidade e identificava seu próprio nome como *Vernaculus*. Como aponta a seguinte inscrição: *VIIRRNA/CVLVS / FECIT / IMBRICIIS / 5 AB[II]LTIRIO / AD CASTOREM / (duo milia) / (mille) / DCCCCL (quinquaginta et nongenti) / 10 DCCC (octingenti)*. Tradução: Vernáculo fez, em Abeltério, à do Castor, tijolos 2000, 1000, 850, 800. Como demonstra a imagem abaixo:

Imag. 8- Grafito (António; d’Encarnação, 2014, p. 41)

³² Inscrição realizada sobre rocha ou parede.

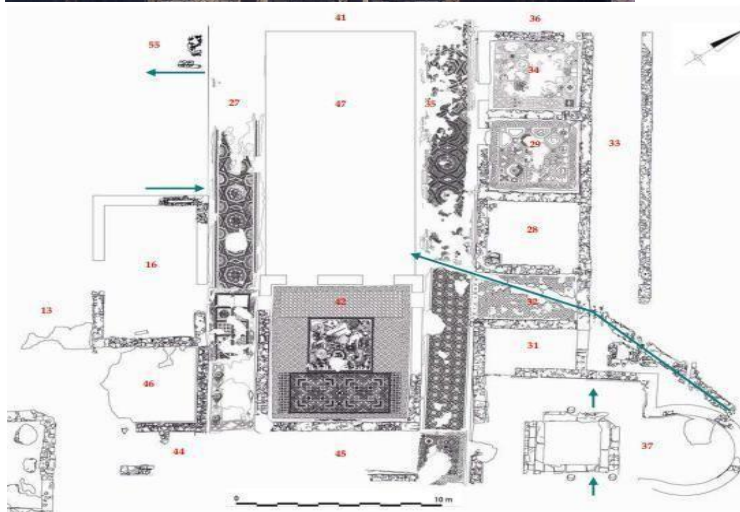


O grafito foi realizado enquanto a pasta ainda estava mole, obedecendo os caracteres cursivos e sem preocupação estética, pois o que importa é a informação. Assim, o “e” está grafado como II visto que traços horizontais na pasta mole são mais difíceis de realizar. Ademais, é por essa razão também que as letras se apresentam transversais e por vezes mais longas que o habitual. Dessa forma, a identificação de Alter de Chão como *Abelterium* teve com o grafito uma confirmação (António; d’Encarnação, 2014, p. 41-42).

Com relação a *domus* da Casa da Medusa tem-se o *peristylum* (pátios portificados, identificado na imagem a seguir como 47) retangular orientado a sudeste/noroeste, com um jardim interior rodeado por corredores. A colonata era constituída por quatro colunas nos lados menores e dez nos maiores, contabilizando vinte e quatro. Posteriormente, com a edificação da sala de jantar no interior do jardim, a região foi reduzida. Os corredores utilizados para chegar aos outros cômodos apresentavam em torno de 2 metros de largura. Ademais, possuíam também mosaicos geométricos, os quais se encontram em mau estado de conservação, com lacunas e destruídos em certos pontos (António, 2014, p.13). Como mostra as imagens a seguir um exemplo de peristilo e o modelo da disposição da *domus*.



Imag. 9³³ - Exemplo de Peristilo em Pompeia



Imag. 10- Representação da *domus* da Casa da Medusa (António, 2014, p. 14)

O corredor identificado como 35 possui fragmentos de pinturas parietais, entretanto não é possível identificar o desenho, apenas constatar a pigmentação vermelha e linhas brancas horizontais. Com relação às demais áreas somente os corredores identificados como 27 e 45 possuem vestígios de cor. Ainda se desconhece a organização do espaço do jardim, por ora se sabe da existência de uma mancha de *opus signinum*³⁴ que pode ter pertencido a um tanque ou fonte. Além disso, uma das extremidades foi ocupada no século IV EC pelo *triclinium* (sala de jantar). Somente a partir de novas escavações para saber como funcionava o sistema hidráulico das fontes e do jardim. Ressalta-se a questão estatuária, elemento essencial de decoração e embelezamento deste pátio, onde foram encontradas fragmentos de esculturas em mármore, em especial braços, pernas e uma mão, como também a cabeça feminina de uma criança e um golfinho em bronze e chumbo (António, 2014, p. 15-17).

³³ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Peristilo> . Acessado em: 25/10/2024

³⁴ Trata-se de argamassa composta à base de cal. Tanto o *opus signinum* e o *opus caementicium* eram utilizados pelos romanos nas construções. O *opus signinum* era empregado, em muitos casos, nas edificações hidráulicas, pois possuía qualidade impermeabilizante e resistente. Eram materiais de baixo custo, versátil e duradouro, que na Península Itálica tinha como material essencial a rocha pozolana, enquanto em outros locais do Império se utilizava cinzas, gorduras, entre outros. Fonte: <http://www.roteirosdeolisipo.pt/siteurbs/about5.html> . Acessado em: 24/10/2024.

Os *cubicula*³⁵ e outros compartimentos da residência se dispunham ao redor do peristilo, com acesso aos corredores que circundam o jardim. Esses espaços localizados no lado nordeste (identificados na imagem 10 como 32, 28, 29 e 34) estão em bom estado de conservação, podendo observar claramente as dimensões, pavimentos e acessos, ao oposto do lado sudoeste, o qual pouco se conservou. Neste espaço havia mosaicos geométricos, mas que se encontram em mau estado de preservação. Além disso, há a hipótese de ter existido assoalhos de madeira no cômodo 28 uma vez que não foi encontrado vestígio de pavimento e em seu centro foi descoberto vestígio de uma lareira. Assim como o cômodo citado, no aposento 16 não se descobriu pavimento, levando a crer que ou foi totalmente destruída ou era composto por assoalho de madeira (António, 2014, p. 18-19).

Imag. 11³⁶- *Cubicula* do lado nordeste da Casa da Medusa



Imag. 12³⁷- *Cubicula* do lado sudoeste da Casa da Medusa



³⁵ Salas/cômodos da *domus* com a função de quarto, próximas geralmente do peristilo. Fonte: <https://aedifica-arquitectura.com/distribucion-de-una-domus-romana-el-cubiculum/>. Acessado em:25/10/2024

³⁶ Fonte: Acervo pessoal

³⁷ Fonte: Acervo pessoal

De acordo com António (2014, p. 18-19), o *triclinium* (sala de jantar) foi construído no interior do jardim do peristilo, fato pouco comum em comparação com a localização habitual desses salões. Afirma ainda que é pouco provável que o jardim tenha perdido importância a ponto de renunciar um espaço considerável, assim há a possibilidade de reaproveitamento de uma construção neste lado do jardim que justifique a construção da sala de jantar. Originalmente, havia uma entrada principal no meio da parede do corredor 45 e outras duas secundárias que estavam no início dos corredores 27 e 35. Posteriormente, outras duas entradas foram feitas no lado oposto às demais, sendo abertas possivelmente quando as anteriores foram fechadas.

Como exposto anteriormente, as estruturas físicas e culturais de Roma receberam influência dos gregos e etrusco. À vista disso, no *triclinium* foi encontrado um mosaico figurativo ao longo das escavações em 2007, apresentando um bom estado de conservação com apenas algumas lacunas. A cena representada no mosaico trata-se de Alexandre, o Grande na Batalha de Hidaspes. O confronto recebeu esse nome por ter acontecido junto ao rio Hidaspes (Jhelum), opondo o monarca macedônio e o rei Poro, de Paurava, terminando com a vitória do macedônio (António, 2015, p. 54-55).

Imag. 13- Mosaico Figurativo (António, 2015, p. 55)



Após algumas manobras militares entres os dois, em 326 AEC, ocorreu o confronto, pois Poro não se submeteu à Alexandre. Este último vence a batalha e manda homens de sua confiança buscá-lo e trazê-lo até ele, logo o momento citado é a cena

representada no mosaico. A reprodução demonstra uma importância ao rio, mostrado como elemento indicador do local de conflito. Alexandre, o Grande porta em sua mão esquerda um escudo circular com a cabeça de Medusa, a qual curiosamente não está virada para a porta do *triclinium* para proteção da família, mas sim para os convidados e em sintonia com a cena exibida. Por esse fato, a Estação Arqueológica recebe o nome de Casa da Medusa (António, 2015, p. 55-63).

Ademais, tem-se a sala de representação localizada na região nordeste da residência, possuindo uma fonte ao centro e um anexo central que dava acesso ao peristilo. Esse cômodo surge em um momento de remodelação da casa, em época tardia ocorrida nos séculos III e IV EC. Tal mudança teve grande alteração estrutural e na dinâmica na ala da casa. A sala foi pavimentada com *opus signinum*, a qual encontra-se em razoável estado de preservação. Era um ambiente decorado, com vestígios de cor na parede do lado direito e provável mosaico. Ao centro possui uma fonte de planta quadrada, a qual era ladeada por seis colunas de granito colocadas simetricamente. A fonte tornaria a sala mais fresca e o *compluvium*³⁸ permitia a circulação de ar através dos corredores que davam acesso ao jardim (António, 2014, p. 19).

Imag.14³⁹- Sala de representação



O ritual do banho foi um dos pontos principais da cultura romana, presente não somente em Roma, mas também nas suas províncias, no qual a qualidade terapêutica da água é reconhecida pelos romanos e atribuída à presença de deuses e ninfas. Segundo Maria Pilar Reis (2014, p.22-23), os textos clássicos são fontes essenciais para a compreensão do passo a passo do banhista. Este ao entrar nas termas despia-se no

³⁸ Abertura no telhado a fim de permitir a entrada da luz solar na residência. Fonte: <https://thearcheology.wordpress.com/tag/impluvium/#:~:text=O%20Compluvium%20era%20uma%20pequena,todos%20os%20c%C3%B4modos%20da%20casa.&text=Ilustra%C3%A7%C3%A3o%20hi pot%C3%A9tica%20do%20Atrium%20na,coletar%20a%20%C3%A1gua%20da%20chuva.> Acessado em: 25/10/2024.

³⁹ Fonte: Acervo pessoal

apodyterium, vestiário onde havia bancos e armários destinados para as roupas e pertences, depois utilizava-se óleos perfumados para em seguida praticar esportes que se realizavam no interior ou exterior da terma. Após isso, podia seguir por diferentes percursos, o mais comum iniciava na sala tépida (*tepidarium*), usando sandálias de madeira a fim de não queimar os pés. Passava então, para a sala mais quente (*caldarium*) e depois transitava para a sala fria (*frigidarium*). O percurso variava, podendo integrar outras ações dependendo do tamanho e disposição do edifício. Nesse contexto, possivelmente no *tepidarium* o banhista era raspado a fim de tirar o óleo do corpo e as impurezas. As termas localizadas em *Abelterium* seguem, em partes, esses passos.

Ainda que as termas na *villa* tenham passado por vários momentos construtivos, é possível identificar seus cômodos a partir da seguinte imagem:

Imag. 15 - Representação das termas (Reis, 2014, p. 23)

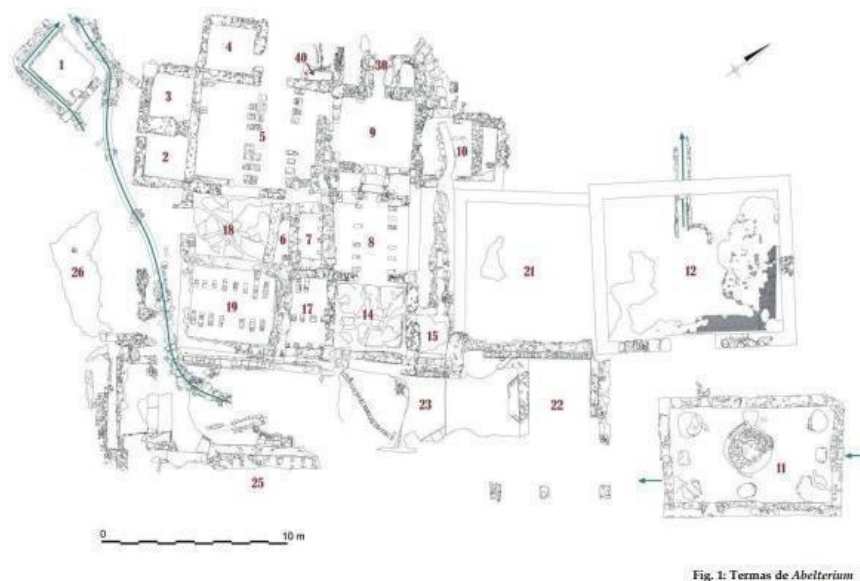


Fig. 1: Termas de Abelterium

As águas provenientes das piscinas do *frigidarium* e de outras construções localizadas a oriente desaguavam para o sul por meio de uma rede de canalização subterrânea. A uma relativa distância foram construídas latrinas em um pequeno edifício com um banco de alvenaria encostado em duas das paredes, embaixo do banco corria a água proveniente da cloaca garantindo a limpeza constante do canal. Estas eram latrinas coletivas que estavam localizadas próximas a área de serviço do edifício termal, espaço esse que permitia acesso às fornalhas alimentadas pelos escravizados, assim como as salas 2, 3 e 4 provavelmente dedicadas ao armazenamento de lenha e utensílios com seu funcionamento (Reis, 2014, p. 26-27).

A partir de Reis (2014, p. 27-28), compreende-se que a classificação da natureza da terma é complexa. Os aspectos estruturais possuem um tamanho e número de salas compatíveis com o contexto público ou então com a exploração privada. A localização

da terma se dá próximo ao corredor da domus, separado desta por um espaço porticado do qual pode ter havido uma piscina, entretanto as termas não estavam inegavelmente ligadas ou alinhadas a *domus*. Assim, António questiona se as termas teriam sido balneário da *domus*. Para António as termas eram essenciais para o eixo viário entre Olisipo e Augusta Emerita (Mérida), visto isto devido às sucessivas ampliações do local assim como a ampla região aquecida, entende-se que eram semi públicas. Um espaço que a priori seria alugado pelo proprietário para exploração.

Segundo Reis (2014, p. 28), é provável que a utilização das termas, que conta com sucessivas reparações, adaptações e ampliações, tenha se prolongado por um longo período, sua reutilização no século VI EC demonstra sua longevidade. Assim, no interior da piscina de grandes proporções do *frigidarium* foram depositados três enterramentos, os quais as datações por radiocarbono apontam entre os séculos VI e VII EC. O pavimento de *opus signinum* no *frigidarium* indicam a reconversão do espaço ou em *oratorium*⁴⁰ ou uma basílica associada a uma necrópole. Alguns espaços termais são convertidos em ambientes sagrados da nova religião, enquanto outros são mantidos abertos ao público caminhando para edifícios com outras características arquitetônicas e menos luxuosos. No interior do pátio porticado (11), em seu centro, foi aberto um poço e instalado um sistema de elevação de água, o qual apenas restam os negativos no pavimento. Ainda sem datação, mas com probabilidade de ser da época medieval ou mais recente.

Entre o final da primeira metade do século VI EC e final da primeira metade do século VII EC uma das piscinas do *frigidarium* foi modificada em necrópole, isto em um momento de abandono e ruína das termas. Entretanto, a sua desativação, degradação dos espaços de banho e transformação da função original não apontam o abandono da região residencial necessariamente. O processo de inumação poderá corroborar a permanência de ocupação da *villa* por uma aristocracia rural. Na região da Lusitânia são poucos os exemplos de conversão de termas em necrópoles (Reis, 2014, p. 30).

Com relação às sepulturas foram construídas no interior de um espaço retangular com aproximadamente 3,30 m de largura, porém com comprimento indeterminado. A construção e aspecto arquitetônico apresentam uma organização estruturada e programada uma vez que a conversão desse espaço em necrópole necessitou de uma investigação de ambiente. A sequência de construção é 3-2-1, no qual as sepulturas 2 e 3 estão encostadas ao muro noroeste partilhando a parede que separa os enterramentos,

⁴⁰ De acordo com o Dicionário Latino-português de F. R. dos Santos Saraiva (2006, p. 825), *oratorium* refere-se a oratório, capelinha.

enquanto a sepultura 1 foi individualizada e um pouco afastada das demais (Antônio, 2014, p. 31). Como aponta a ilustração e a fotografia:

Imag. 16- Representação da Necrópole (Antônio, 2014, p. 31-32)

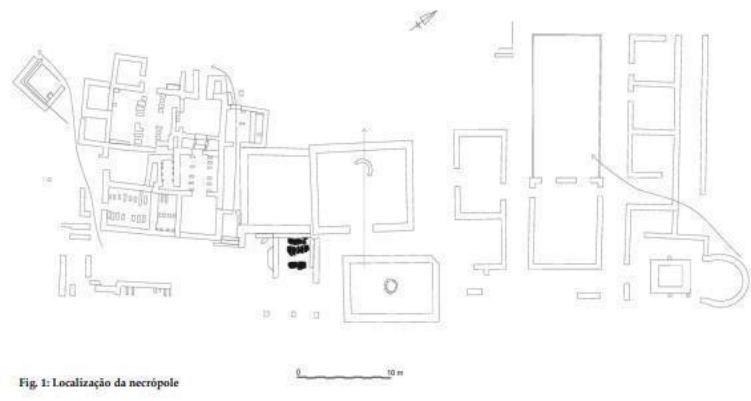


Fig. 1: Localização da necrópole

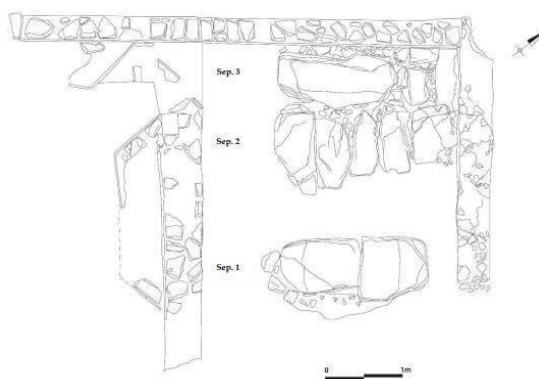


Fig. 3: Necrópole (piscina do frigidarium)⁴¹

Imag. 17⁴¹- Foto da Necrópole



⁴¹ Fonte: Acervo pessoal

Considerando a disposição das sepulturas de forma programada, pode-se relacionar com a organização do espaço e da natureza dos materiais de construção utilizados ou então a maior proximidade afetiva dos seres humanos da sepultura 2 e 3 com relação a 1. A necrópole recebeu entulho, escombros, fauna, terra, pedras, argamassa, entre outros, o que demonstra um preenchimento intencional com a preocupação da estabilidade estrutural e prevenção da liberação de odores indesejáveis. Além disso, as coberturas das sepulturas 1 e 3 possuem duas lajes colocadas longitudinalmente, enquanto a 2 conta com 5 dispostas transversalmente. O estado de preservação da 2 e 3 encontram-se melhores que a 1, descoberta parcialmente destruída no espaço dos pés. Já as dimensões oscilam com um comprimento interno entre 203 e 211 m e a largura varia entre 40 e 53 cm (António, 2014, p. 33).

De acordo com António (2014, p. 33), a sepultura 1 possui aspectos singulares, visto que ainda que tivesse sido descoberta com duas lajes, a região dos pés encontrava-se destruída. Dessa forma, ao ser investigado foi observado que $\frac{2}{3}$ do túmulo estava com terra, constatando também a ausência de inumação em condição anatômica, contudo foi descoberto dois fragmentos de crânio, uma vértebra cervical e uma falange proximal de uma mão. No âmbito da cabeceira foi encontrado também um brinco, fato que leva a crer que o indivíduo era do sexo feminino. Juntamente com isso, acharam material romano, moderno e outro de cronologia indeterminada, o que leva a crer na existência de intrusão.

Por conseguinte, as sepulturas 2 e 3 foram encontradas seladas. Na 2 foi inumado um adulto jovem do sexo feminino, com aproximadamente 21 a 24 anos, sem apresentar patologias infecciosas ou traumáticas. Na 3 havia um adulto jovem do sexo masculino, com idade entre os 18 e 21 anos. Ademais, na sepultura 2 também foi achado um brinco de bronze e na 3 um anel em bronze. Esses espaços são bem organizados e estruturados, demonstrando certa monumentalidade (António, 2014, p. 35). Como demonstra a imagem a seguir:

Imag. 18 - Representação das deposições (António, 2014, p. 34)

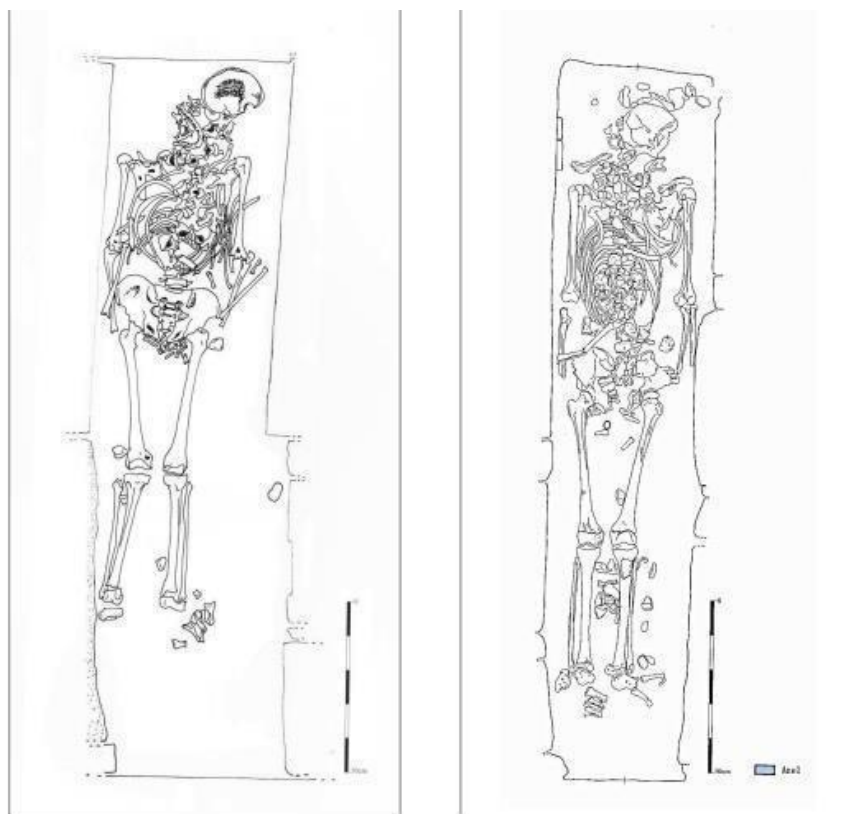


Fig. 5: Sepultura 2, Enterramento 1

Fig. 6: Sepultura 3, Enterramento 2

Ademais, os monumentos epigráficos são fontes importantes para o conhecimento do estatuto social, origem e até aspectos culturais da população. Segundo José d'Encarnação (2014, p. 43-48) Em um exemplo desses monumentos tem-se a placa de *Sentia Laurilla*, a qual se traduz: *Aqui jaz Sência Laurila, filha de Tangino, de oitenta e cinco anos. Que a terra te seja leve. Os herdeiros, Sêncio Sádala, Sência Repentina, mandaram fazer por testamento. A senhora pertencia à família Sentia, documentada na cidade de Ammaia*⁴². Além disso, traz dois escravizados libertos que designa como herdeiros, os quais fizeram o monumento funerário. Há também uma placa localizada próxima a Alter Pedroso (perto de Alter do Chão) que apresenta apenas “aqui jaz”, e “de Sica”, sem mais informações, subentende-se que se trata da sepultura dela. Tal placa foi datada do século I EC. Assim, a região de *Abelterium* possuía um aglomerado urbano que se localizava em uma das vias principais de ligação entre Olisipo e Augusta Emerita.

⁴² Cidade romana fundada provavelmente no final do século I AEC. *Ammaia* se localiza na região do Alentejo em Portugal, ainda hoje possui ruínas que são abertas à visita. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ammaia> . Acessado em: 25/10/2024.

Relacionando os dados epigráficos com as descobertas arqueológicas como o mosaico, tem-se uma população notável. Como expõe a imagem:

Imag. 19 - Inscrição epigráfica (d'Encarnação, 2014, p. 46)



Por conseguinte, a *villa* suburbana de *Abelterium* e a Estação Arqueológica da Casa da Medusa representam um processo de expansão territorial romana, o qual se articulou por meio de ações políticas, militares, culturais e religiosas. Destacamos ainda o fato da interação cultural entre os grupos sociais que já estavam estabelecidos na região e os romanos, adaptando aspectos da cultura de Roma com as locais para o estabelecimento de seu poder. A *villa* conta com aspectos e hábitos característicos dos romanos, fato que pode auxiliar nos estudos e pesquisas sobre províncias na Lusitânia uma vez que a localização da cidade se dá próxima a uma Via importante e seu status ainda não foi definido.

As estruturas físicas e culturais do local estimulam o interesse acerca da sua história, aspectos como o mosaico de Alexandre, o Grande, as termas, Necrópole Tardo-Antiga e os achados arqueológicos são fatores que fazem com que a cidade atraia escavações ao longo do ano, prosseguindo com as descobertas. Assim, a *villa* suburbana de *Abelterium*, localizada na antiga região da Lusitânia, possui uma grande importância sobre os romanos na Península Ibérica e suas relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Com essa pesquisa foi possível analisar e compreender a *villa* suburbana de *Abelterium* (Alter do Chão), localizada na antiga Lusitânia, atual território português. Além do estudo e entendimento acerca da localidade, foi possível observar os aspectos estruturais e culturais da mesma. A Estação Arqueológica de Alter do Chão é constituída, além da *villa*, por uma necrópole Tardo-Antiga. O reconhecimento do sítio arqueológico ocorreu em 1954, com a descoberta de estruturas romanas ao decorrer das obras de desaterro no campo de futebol da cidade, sendo a princípio indicado a cronologia para o século III EC. Após as descobertas, uma série de escavações foram empreendidas por diferentes arqueólogos, de 2004 até o presente momento, Jorge António é o arqueólogo responsável pelos trabalhos arqueológicos no sítio.

A identificação de Alter do Chão com *Abelterium* se deu através da descoberta, em 2009, de uma telha romana com um grafito. Este conta com a inscrição de um operário identificado como Vernaculus, que ali em *Abelterium*, realizou a elaboração do material. Assim, a confirmação do local com esta cidade por meio do grafito foi essencial. A Casa da Medusa, assim nomeado sítio arqueológico, conta com uma *domus*, termas e a necrópole Tardo-Antiga, que foi edificada na região das termas. Além dessas estruturas físicas, o ambiente possui uma série de aspectos culturais como mosaicos (em destaque o localizado no *triclinium* representando Alexandre, o Grande), pinturas parietais, as quais apesar de se encontrarem em mau estado de conservação é possível observar seus traços característicos, objetos decorativos como golfinho e uma cabeça feminina que se encontravam na região do peristilo.

A realização dessa pesquisa contou com duas idas à cidade portuguesa em questão a fim de participar das escavações arqueológicas, aprofundar o conhecimento acerca da temática e enriquecer o processo acadêmico. A experiência no sítio arqueológico na Casa da Medusa trouxe um novo olhar sobre a metodologia em campo, o trabalho *in loco* proporcionou uma vivência única, podendo observar a disposição de estruturas físicas e culturais romanas antes vistas apenas por imagens. A participação foi essencial para a construção desta pesquisa, a sua produção tendo sido influenciada pelas escavações trouxe perspectivas distintas acerca da *villa* caso fosse apenas pesquisada por análises documentais. Com a participação em duas campanhas distintas foi possível visualizar o avanço das escavações arqueológicas e o quanto ainda pode ser investigado no local. Entretanto, os estudos e pesquisas sobre a região são escassos, a divulgação do

ambiente caminha a passos lentos, fato que dificulta ainda mais o processo de ampliação de estudos, conhecimento e informações sobre a Casa da Medusa. Ao longo dessa pesquisa houve dificuldades no que tange a realização do levantamento bibliográfico sobre o sítio e a cidade em específico, visto a carência de fontes sobre *Abelterium* e a indisponibilidade de acesso às fontes de escavações.

Dessa forma, evidencia-se a relevância desta pesquisa disseminando informações, características e peculiaridades da Casa da Medusa. Ainda não se sabe o status da cidade, mas sabe-se que estava próxima a Via XIV, ligando a cidade de Olisipo e Augusta Emérita, respectivamente Lisboa e Mérida atualmente. Evidenciou-se também o papel empreendido pelas cidades no processo de expansão territorial efetuado pelos romanos. Contudo, a priori a chegada desse grupo social na Península Ibérica resultou em trocas culturais com os povos iberos. Como apontado, as relações culturais compreendem o encontro entre dois ou mais povos, que podiam acontecer de forma traumática ou não. Os grupos sociais não são estáticos, mas sim dinâmicos, passando de uma modificação para outra.

Essa interação social entre romanos e iberos ganhou força após a Segunda Guerra Púnica, quando estes primeiros venceram os cartagineses sobre o domínio do Mediterrâneo. Com isso, os romanos adotaram uma política de expansão territorial que teve na fundação ou adaptação das cidades um papel essencial. As estruturas físicas e culturais de Roma sofreram influência essencialmente dos etruscos e dos gregos, mas também se adaptaram a elas. Desenvolveram um modo de arco e abóbada que modificou os estilos das edificações e ainda hoje são estudadas. Esses estilos desenvolvidos e disseminados pelos romanos perpassa seu contexto histórico, ainda hoje é possível observar nas mais diversas cidades estruturas com esses aspectos, estruturas que sofreram adaptações, mas que continuam sendo utilizadas. No Brasil, país colonizado por Portugal, essas características também são visíveis, casas com colunas, fontes decorativas, arte nas paredes entre outros. Elementos influenciados diretamente da cultura romana. Assim como as transformações realizadas nos modelos de teatro e templo grego para o romano. Mudanças não apenas no âmbito físico, como também cultural visto que as estátuas foram adotando uma perspectiva própria romana.

Essas realizações romanas são encontradas ainda hoje nas mais diversas regiões que já foram província de Roma. Esta foi uma forma de manter seu poder e influência nesses territórios, tendo como molde a própria arquitetura de Roma levando sua presença para suas áreas conquistadas. Ainda que muito se fale sobre o processo de romanização, este está cada vez mais recebendo um novo olhar sobre o seu desenrolar. Dessa forma, o

estudo e pesquisa sobre esses espaços de interação e edificação de populações ibéricas e romanas é um meio de se compreender como desenvolveram essas construções e relações sociais. Ressaltou-se também que ainda que Roma estabelecesse paradigmas a serem seguidos por essas regiões, os aspectos nativos permaneciam desde que não interferisse na dominação e poder romano.

Adquirir um status específico poderia trazer vantagens para aquela administração e população. Com esse fato, em muitos casos havia uma busca por esses modelos romanos, culturais e físicos. A administração da Península Ibérica passou por diferentes organizações. Sua divisão inicialmente de Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior passa, com o governo do imperador Augusto, a ser Bética, Tarraconense e Lusitânia. Esta última posteriormente dando origem a Portugal.

A vista do exposto, pode-se compreender que o estudo sobre as cidades romanas na Península Ibérica possuem suas particularidades, assim como aspectos característicos do cotidiano romano. A pesquisa sobre esses ambientes traz à tona não apenas as edificações efetuadas e perspectivas culturais, mas também uma visão de como se organizavam essas localidades com relação a seus habitantes. O papel da arqueologia nesse processo é essencial, por meio de seus achados, com a cultura material é possível estudar, pesquisar e conhecer essas relações. O estudo dessas cidades está diretamente relacionado com o Brasil visto que ao sofrer o processo de colonização portuguesa muito dessa cultura latina chegou até nós, um dos exemplos mais palpáveis é a Língua Portuguesa. Dito isto, o conhecimento acerca da Antiguidade, em específico a romana, impacta diretamente a sociedade atual uma vez que a política, cultura, social estão intrinsicamente ligados no cotidiano da população e conhecer sua história é compreender também nossa atualidade.

Em suma, também reiteramos a importância da internacionalização, assim destaca-se que a pesquisa é um produto do Acordo de Cooperação nº74/2023-UFMS. Processo nº. 23104.037805/2022-60. Partícipes: a Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e o Município de Alter do Chão (Portugal).

BIBLIOGRAFIA:

- ANTÓNIO, Jorge. **Alexandre, o Grande e a Batalha de Hidaspes. O mosaico do triclinium da Casa de Medusa**, Abelterivm, maio de 2015, número I, volume II.
- ANTÓNIO, Jorge. **A Necrópole Tardo-Antiga da Casa de Medusa**, Abelterivm, maio de 2014, volume I.
- ANTÓNIO, Jorge. **A Villa Romana da Casa de Medusa**, Abelterivm, maio de 2014, volume I.
- ANTÓNIO, Jorge; D'ENCARNAÇÃO, José. **Grafito identifica Alter do Chão como Abelterivm**, Abelterivm, maio de 2014, volume I.
- ANTÓNIO, Jorge. **Vestígios arqueológicos em Ferragial d'El-Rei (Alter do Chão), Abelterivm**, maio de 2014, volume I.
- BARROS, José D' Assunção. **Interdisciplinaridade da História e em outros campos do saber**, Editora Vozes, 2019.
- BARROS, José D' Assunção. **O Campo da História, Especialidades e Abordagens**, Editora Vozes, 2004.
- BENEVOLO, Leonardo. **A Cidade e o Arquiteto**. 2º Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, p. 13-29, 1991.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. 3º Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, p. 133-223, 2001.
- BORGES, Airan dos Santos. Espaço e poder no principado augustano: a criação da província da Lusitânia em perspectiva. In: CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa; CANDIDO, Maria Regina (org). **Caesar Augustus: Entre Práticas e Representações**, Vitória/Rio de Janeiro, 2014, p. 65-82.
- BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. **Práticas culturais no Império Romano: entre unidade e a diversidade**. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (Org.). **Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. **Práticas Religiosas nas Cidades Romano-africanas: Identidade e Alteridade**. Phoinix, Rio de Janeiro, 5, p. 325-348, 1999.
- CARVALHO, Carolina Minardi; GUIMARÃES, Leonardo Massula; ZANDOMÊNICO, Renan Ribeiro. **Entre Kultur e Civilization: uma análise da formação do conceito de civilização e cultura na transição do feudalismo para o capitalismo**, *Revista História em Curso*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, 1º sem. 2013.
- CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C. – I d.C.)**, Rio de Janeiro, 2013, p. 13-41.
- CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **A Religião Romana e o princeps Augusto: usos da esfera religiosa como tópico retórico sobre a promoção da paz**. *Antíteses*, Londrina, v.14, n. 27, p. 12-28, jan-jun. 2021.
- CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. **A Noção de Cultura**, *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo (SP), Brasil, setembro 2011: 51-66.
- d'ENCARNAÇÃO, José. **A população romana de Alter do Chão**, Abelterivm, maio de 2014, volume I.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; CAVICCHIOLI, Marina Regis. **A arte parietal romana e diversidade**. *Encontro de História da Arte*, Campinas, SP, n. 1, p. 303–316, 2005.
- GRIMAL, Pierre. **História de Roma**, São Paulo, Editora Unesp, 2010.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. **Ordem, Integração e Fronteiras no Império Romano**, *Mare Nostrum*, ano 2010, v. 1.
- KRAUSE, Stephany Guedes. **A Deificação Da figura mítica de Alexandre O Grande e a relação com sua paternidade egípcia**, 2008.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- LEAL, Ana Paula da Rosa. **Arqueologia, Museologia e Conservação: Documentação e Gerenciamento da Coleção proveniente do Sítio Santa Bárbara (Pelotas-RS)**, 2014. Dissertação – Programa de pós-graduação em Antropologia. Universidade Federal

de Pelotas, Pelotas.

MANTAS, Vasco Gil. Urbanismo e Arquitetura na Lusitania Imperial. In: OLIVEIRA, José Luís Brandão Francisco (org). **História de Roma Antiga: Império e Romanidade Hispânica**, volume 2, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 471-493.

MENDES, Norma Musco. **Romanização: cultura imperial**, Phoinix, Rio de Janeiro, 5: 307-324, 1999.

MENDES, Norma Musco. **Romanização e a Construção da paisagem imperial no sul da Lusitânia**, Phoênix, Rio de Janeiro, 2006.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. **A cultura material no estudo das sociedades antigas**, 1983, Revista de São Paulo.

MONTEIRO, João Gouveia. Expansão no Mediterrâneo: As Guerras Púnicas. In: OLIVEIRA, José Luís Brandão Francisco (org). **História de Roma Antiga: das origens à morte de César**, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p. 145-197.

OLIVEIRA, João Lucas Reis. **A Conquista Romana na Península Ibérica no Alto Império (27 A.C. – 284 D.C.) e os reflexos da Lei das XII Tábuas**, 2022. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG.

PEREIRA, José Ramón Alonso. **Introdução à História da Arquitetura: das Origens ao Século XXI**, Porto Alegre: Bookman, 2010, p. 71-92.

REIS, Maria Pilar. **As termas de Abelterivm, uma breve análise do que se conhece**, Abelterivm, maio de 2014, volume I.

SANTOS, Irmina Doneux. **A Lusitania e a Iberia. Um estudo da mudança na urbanização pré e pós-romanização (da pré-conquista romana ao Baixo Império – séculos II a.C. a V d.C.)**. Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Isabel D'Agostino Fleming. 2013. Tese (Doutorado) - Arqueologia, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença dos. **História da Arte**. 18^oEd. São Paulo: Editora Ática, p. 35-51, 2022.

SILVA, Bruno dos Santos. **Nas margens do mundo antigo: a questão da Romanização e os estudos sobre antiguidade**, Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

SILVA, Bruno dos Santos. **Romanização e os séculos XX e XXI: a dissolução de um conceito**, Mare Nostrum, ano 2011, n. 2.